

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física



A ESCALADA – UM DESPORTO E UM ESTILO DE VIDA

O caso do Encontro da Redinha e do 2.º Encontro de Escaladores do Caramulinho

Aida Isabel Saraiva Videira

**COIMBRA
2008**

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física



A ESCALADA – UM DESPORTO E UM ESTILO DE VIDA

O caso do Encontro da Redinha e do 2.º *Encontro de Escaladores do Caramulinho*

Monografia de Licenciatura realizada no âmbito do Seminário de Sociologia do Desporto - “A ESCALADA – UM DESPORTO E UM ESTILO DE VIDA. O caso do Encontro da Redinha e do 2.º *Encontro de Escaladores do Caramulinho*”, no ano lectivo 2007/2008

Coordenadora:
Doutora Salomé Marivoet

Coordenadora:
Doutora Salomé Marivoet

Aida Isabel Saraiva Videira

COIMBRA
2008

RESUMO

A presente investigação tem como principal objectivo saber em que medida a escalada é distintiva de um estilo de vida. Através da aplicação de um inquérito por questionário aos praticantes de escalada da Redinha e 2.º *Encontro de Escaladores no Caramulinho*, no total de 63, dos quais 44 homens e 19 mulheres, na sua maioria jovens, recolhemos a informação definida pelo nosso modelo de análise, tendo esta sido tratada nos programas informáticos de *SPSS* e *Excel*.

Como base na análise e discussão dos resultados podemos reformular o nosso objecto de estudo e respectivas hipóteses de leitura da realidade previamente definidos, isto é, precisar melhor os pressupostos iniciais já que estes, grosso modo, verificaram-se.

Assim, podemos concluir que os praticantes da Escalada da nossa amostra apresentam um perfil social específico, em particular, são jovens, solteiros, homens, sendo pertencentes a grupos sociais com maiores níveis de capital, e investem recursos financeiros na sua prática.

Os escaladores valorizam o gosto pela aventura no meio natural, como actividade de lazer que lhes proporciona elevado prazer, embora o convívio ou sociabilidade entre os praticantes seja o mais importante para o envolvimento na actividade, sugerindo tratar-se da identificação com um estilo da vida.

Através da prática da Escalada os praticantes da nossa amostra afirmaram ainda retirar valências pessoais, tais como a capacidade de superar e encarar situações na vida real, independentemente do género, idade e grupo social, ainda que com algumas diferenças.

As mulheres dão mais importância ao facto de ser uma actividade de risco e contribuir para o reforço da auto-realização do que os homens. Os jovens dão mais importância ao facto de ser uma actividade de risco, enquanto os mais velhos valorizam o reforço da auto-realização. Os pertencentes aos grupos sociais com maiores recursos (EQS) dão maior importância à auto-realização, enquanto os pertencentes ao SEE valorizam mais o contacto com a natureza e os PIAP o facto de ser um desporto de risco, de aventura e desafio. Também observamos que as valências pessoais segundo a opinião dos praticantes da Escalada da nossa amostra decrescem com a idade.

ABSTRACT

This research is to achieve know to what extent the Climbing is a distinctive lifestyle. Through the implementation of a survey by questionnaire to practitioners of the *Escalada da Redinha* and *2.º Encontro de Escaladores no Caramulinho*, totaling 63, of which 44 men and 19 women, mostly young people, collect the information defined by our model analysis, the data has been treated in software, SPSS and Excel.

As on the analysis and discussion of the results can reshape our subject of study and their chances of predefined reading of reality, that is, to clarify the initial assumptions as these, broadly, there have been.

So we can conclude that the practitioners of Climbing in our sample have a specific social profile, in particular, are young, unmarried men, and belonging to social groups with higher levels of capital, and invest financial resources in their practice.

The climbers value the taste for adventure in the wild, as a leisure activity that provides them with high pleasure, but the conviviality and sociability among practitioners is as important for the involvement in the activity, suggesting this is the identification with a style of life.

Through the practice of Climbing the practitioners of our sample said even withdraw personal abilities, such as the ability to overcome and face situations in real life, regardless of gender, age and social group, although with some differences.

Women give more importance to the fact that it is a risk business and contribute to the strengthening of self-realization than men.

Young people give more importance to the fact that it is a risk business, while the older value the strengthening of self-realization.

The belonging to social groups with greater resources (EQS) give greater importance to self-realization, while those belonging to SEE value more contact with nature and PIAP that it is a sport of risk, adventure and challenge.

We also observe that the personal abilities in the view of practitioners of Climbing of our sample decrease with age.

ÍNDICE

ÍNDICE DE GRÁFICOS	x
ÍNDICE DE QUADROS	xi
AGRADECIMENTOS	xv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
I.1. GÉNESE DO DESPORTO MODERNO	5
I.2. DESPORTO E MUDANÇA SOCIAL	6
I.2.1 O Movimento do Desporto para Todos	6
I.2.2. Novas Necessidades Sociais no Final do Século XX	8
I.3. DESPORTO DE AVENTURA	9
I.4. HÁBITOS DESPORTIVOS E ESTILOS DE VIDA	13
I.5. PROBLEMÁTICA, OBJECTO EM ESTUDO E HIPÓTESES	16
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	19
II.1. MODELO DE ANÁLISE DESAGREGADO	21
II.1.1. Tipologia dos Grupos Sociais	22
II.2. TÉCNICAS DE RECOLHA E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO	23
II.2.1. Instrumento de Medida	24
II.2.2. Procedimentos Metodológicos Relativos à Aplicação do Inquérito por Questionário	24
II.2.3. Análise e Tratamento dos Dados	25
II.3. UNIVERSO DE ANÁLISE	25
II.3.1. Caracterização do Universo em Estudo	27

CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
III.1. A ESCALADA: UM DESPORTO DE AVENTURA	35
III.1.1. Importância da Actividade	35
III.1.2. Valências da Prática da Escalada para os Praticantes	38
III.1.3. Síntese Conclusiva	40
III.2. A ESCALADA COMO ESTILO DE VIDA	41
III.2.1. Razões para a Prática da Escalada Segundo os Praticantes ...	41
III.2.2. Sociabilidades na Prática da Escalada	43
III.2.3. Síntese Conclusiva	45
III.3. CARACTERÍSTICAS DA PROCURA DA ESCALADA	46
III.3.1. Iniciação e Formação	46
III.3.2. Perfil dos Praticantes da Escalada e Meio Social Envolve	47
III.3.3. Deslocações e Estadias para a Prática da Escalada	48
III.3.4. Encargos Financeiro na Prática da Escalada	49
III.3.5. Síntese Conclusiva	50
 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	 53
 BIBLIOGRAFIA	 55
 ANEXOS	 57
ANEXO 1. INQUÉRITO SOCIOGRÁFICO	59
ANEXO 2. GRELHAS DE CODIFICAÇÃO	65
ANEXO 3. QUADROS DE APURAMENTO	69
ANEXO 4. MARKETING DO EVENTO 2.º ENCONTRO DE ESCALADORES NO CARAMULINHO	87

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1-Estratificação da amostra segundo o sexo	27
Gráfico 2- Estratificação da amostra segundo a idade	28
Gráfico 3-Praticantes de amostra segundo o estado civil	29
Gráfico 4 - Estratificação da amostra segundo o grupo social	29
Gráfico 5 - Estratificação da amostra segundo as habilitações literárias	30
Gráfico 6 - Habilitações literárias segundo o grupo social	31
Gráfico 7 - Cargos de chefia segundo o grupo social	32
Gráfico 8 - Importância da escalada para os praticantes	36
Gráfico 9 - Valências da escalada segundo os praticantes	39
Gráfico 10 - 1. ^a Razão para a prática da Escalada	42
Gráfico 11 - 2. ^a Razão para a prática da escalada	42
Gráfico 12 - 3. ^a Razão para prática da escalada	43
Gráfico 13 – Sociabilidades durante a prática da escalada	44
Gráfico 14 – Regularidade de sociabilidade entre praticantes de Escalada fora dos momentos de prática	44
Gráfico 15 – Praticantes de Escalada no seio do grupo dos amigos	45
Gráfico 16 – Iniciação à pratica da Escalada (%)	46
Gráfico 17 – Tempo de prática da Escalada (%)	47
Gráfico 18 – Importância dada pelos meio social envolvente ao facto de praticar Escalada segundo a opinião dos praticantes	48
Gráfico 19 – Tipos de locais escolhidos para pernoitar durante as deslocações para a prática da Escalada	49
Gráfico 20 – Dinheiro investido em material para a prática da Escalada	49
Gráfico 21 – Gasto mensal na prática da Escalada (%)	50

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo de análise desagregado	22
Quadro 2 – Tipologia dos grupos sociais	23
Quadro 3 – Estratificação da amostra segundo o sexo e a idade	28
Quadro 4 – Estratificação da amostra segundo o sexo e o grupo social	30
Quadro 5 – Estratificação da amostra segundo a condição perante o trabalho e o grupo social	31
Quadro 6 – Importância da escalada para os praticantes segundo o sexo (%)	37
Quadro 7 – Importância da Escalada para os praticantes segundo a idade (%)	37
Quadro 8 – Importância da Escalada para os praticantes segundo o grupo social (%)..	38
Quadro 9 – Valência da Escalada para os praticantes segundo o sexo (%)	39
Quadro 10 – Valência da Escalada para os praticantes segundo a idade (%)	40
Quadro 11 – Valência da Escalada para os praticantes segundo a idade (%)	40

ANEXO 3

Quadro 1 - P16 * P17 Crosstabulation	71
Quadro 2 - P16 * P18 Crosstabulation	71
Quadro 3 - P16 * P20 Crosstabulation	71
Quadro 4 - P20 * P28 Crosstabulation	71
Quadro 5 - P20 * P25 Crosstabulation	72
Quadro 6 - P19 * P20 Crosstabulation	72
Quadro 7 - \$P11*VAR160 Crosstabulation	72
Quadro 8 - \$P12*VAR160 Crosstabulation	73
Quadro 9 - \$P11*VAR170 Crosstabulation	73
Quadro 10 - \$P12*VAR170 Crosstabulation	73
Quadro 11 - \$P11*VAR200 Crosstabulation	74
Quadro 12 - \$P12*VAR200 Crosstabulation	74
Quadro 13 - P3.1 * P16 Crosstabulation	74

Quadro 14 - P3.2 * P16 Crosstabulation	75
Quadro 15 - P3.3 * P16 Crosstabulation	75
Quadro 16 - P4 * P16 Crosstabulation	75
Quadro 17 - \$P7*VAR160 Crosstabulation	76
Quadro 18 - P13 * P16 Crosstabulation	76
Quadro 19 - P14 * P16 Crosstabulation	76
Quadro 20 - P15 * P16 Crosstabulation	76
Quadro 21 - P3.1 * P17 Crosstabulation	77
Quadro 22 - P3.2 * P17 Crosstabulation	77
Quadro 23 - P3.3 * P17 Crosstabulation	77
Quadro 24 - P4 * P17 Crosstabulation	78
Quadro 25 - \$P7*VAR170 Crosstabulation	78
Quadro 26 - P13 * P17 Crosstabulation	78
Quadro 27 - P14 * P17 Crosstabulation	79
Quadro 28 - P15 * P17 Crosstabulation	79
Quadro 29 - P3.1 * P20 Crosstabulation	79
Quadro 30 - P3.2 * P20 Crosstabulation	79
Quadro 31 - P3.3 * P20 Crosstabulation	80
Quadro 32 - P4 * P20 Crosstabulation	80
Quadro 33 - \$P7*VAR200 Crosstabulation	80
Quadro 34 - P13 * P20 Crosstabulation	81
Quadro 35 - P14 * P20 Crosstabulation	81
Quadro 36 - P15 * P20 Crosstabulation	81
Quadro 37 - P8 * P16 Crosstabulation	81
Quadro 38 - \$P9*VAR160 Crosstabulation	82
Quadro 39 - P5 * P16 Crosstabulation	82
Quadro 40 - P6 * P16 Crosstabulation	82
Quadro 41 - P10 * P16 Crosstabulation	82
Quadro 42 - \$P1*VAR160 Crosstabulation	83
Quadro 43 - P2 * P16 Crosstabulation	83
Quadro 44 - P8 * P17 Crosstabulation	83
Quadro 45 - \$P9*VAR170 Crosstabulation	83
Quadro 46 - P5 * P17 Crosstabulation	84
Quadro 47 - P6 * P17 Crosstabulation	84
Quadro 48 - P10 * P17 Crosstabulation	84

Quadro 49 - \$P1*VAR170 Crosstabulation	84
Quadro 50 - P2 * P17 Crosstabulation	85
Quadro 51 - P8 * P20 Crosstabulation	85
Quadro 52 - \$P9*VAR200 Crosstabulation	85
Quadro 53 - P5 * P20 Crosstabulation	85
Quadro 54 - P6 * P20 Crosstabulation	86
Quadro 55 - P10 * P20 Crosstabulation	86
Quadro 56 - \$P1*VAR200 Crosstabulation	86
Quadro 57 - P2 * P20 Crosstabulation	86

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a concepção e concretização deste estudo:

À professora Salomé Marivoet, pela competência e empenho, pela orientação teórica, pelas recomendações e sugestões práticas, pelo imensurável apoio carregado de compreensão, paciência e disponibilidade, pela sua recepção sempre calorosa, mesmo quando as sessões de trabalho eram longas depois de um dia intenso de trabalho, pela simpatia e principalmente pelos últimos 2 anos de transmissão de conhecimentos que certamente serão bastante úteis no futuro.

Aos Senhores Hélder, do Núcleo de Escalada de Seia, e Nelson Cunha, organizador do 2.º *Encontro de Escaladores no Caramulinho*, pela simpatia, colaboração e disponibilidade para levar a cabo este estudo. E enfim pela oportunidade de contactar com a realidade que tanto me fascina.

A todos os praticantes da Escalada inquiridos pelo tempo e simpatia que disponibilizaram no preenchimento dos questionários.

À minha irmã, por ser a minha cúmplice e amiga.

Aos meus pais pelo apoio e “patrocínio” ao longo da minha vida académica.

Ao meu Tio Domingos, pela paciência, pelo inextinguível apoio e disponibilidade durante todo o meu percurso académico mesmo nos momentos difíceis.

À minha família e amigos.

Ao meu namorado pelo apoio e incentivo e disponibilidade, enfim, por toda a colaboração e amor.

A todos os meus colegas e amigos universitários, pelo companheirismo, amizade, apoio e partilha de tantas experiências.

E por último, a todos aqueles que sempre acreditaram nas minhas capacidades e que nunca desistiram de mim, muito obrigado.

INTRODUÇÃO

O desporto tem vindo a reflectir a forma como a sociedade se tem organizado, está intimamente relacionado com os aspectos sociais e culturais, tendo-se constituído um dos principais fenómenos contemporâneos.

A sociedade em que vivemos está em permanente mudança e conseqüentemente surgem valores, interesses e estilos de vida diferentes. O que era importante há umas décadas atrás alterou-se e reproduziram-se outras necessidades que se ajustam melhor à realidade actual.

As actividades de risco apresentam um elevado grau de incerteza por não serem estandardizadas, provocam nos praticantes um grau de ansiedade em relação ao desconhecido, desencadeiam uma grande satisfação física e espiritual, assim como, uma emoção forte e intensa após os desafios conseguidos. A aventura desportiva é o grito de revolta daqueles que se recusam a ser praticantes em massa, e que se recusam a competir com regras estandardizadas que são aplicadas repetitivamente e mecanicamente.

Actualmente a Escalada, mais do que uma actividade de alto risco, praticada em ambientes extremos, por homens e mulheres de excepcional coragem e grande capacidade física, é cada vez mais, uma actividade urbana, uma actividade acessível a todos e de risco controlado.

Da exploração dos limites da natureza, a utilização das técnicas de escalada com intuito prático e exploratório evoluiu para a exploração dos limites do Homem.

A Escalada hoje é produto de enormes transformações, onde especialmente a juventude afirma o seu gosto pela aventura, pelo desafio, pelo convívio e pela preferência do contacto com a natureza. Mais do que moda, trata-se de uma atitude sadia, ecológica e que preenche as lacunas que não se revêem, exclusivamente no desporto de competição ou de espectáculo. A sua prática oferece condições excelentes no domínio desportivo, quer no lúdico ou recreativo, quer no educativo enquanto actividade de lazer.

A escolha do tema da presente monografia, prende-se com o facto de eu ser uma praticante da Escalada, e também por ter a oportunidade de abordar esta área no âmbito da Sociologia, sendo que pretendo vir a trabalhar futuramente como técnica. Não havendo muitos trabalhos acerca da Escalada, considerei importante aprofundar o conhecimento do perfil e hábitos dos praticantes da Escalada, de modo a poder

corresponder futuramente aos seus desejos e disposição, isto é, adequar a oferta à procura desportiva nesta área do desporto.

Começamos então por nos interrogar, em que medida a escalada é distintiva de um estilo de vida. Com base na leitura de vários autores, sintetizados no Capítulo que intitulamos *Enquadramento Teórico*, definimos o nosso objecto de estudo e formulámos três hipóteses de investigação. No Capítulo 2, intitulado *Metodologia*, referimos os processos metodológicos seguidos neste estudo, variáveis que nos permitiram testar hipóteses, o universo da análise e o instrumento de recolha de informação utilizado.

Em seguida, apresentamos no Capítulo 3, a *Análise e Discussão dos Resultados* obtidos através do tratamento do inquérito por questionário aplicado na Redinha e 2.º *Encontro de Escaladores no Caramulinho* em SPSS 16, de acordo com a metodologia elaborada, e por fim as *Conclusões e Recomendações* para possíveis estudos.

CAPÍTULO I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

I.1. GÉNESE DO DESPORTO MODERNO

Segundo Marivoet (2002), a realidade que o desporto apresentou na Antiguidade Clássica, ou nos jogos da Idade Média, nada tem a ver com a realidade social do desporto da Era Moderna.

O desporto moderno surgiu no final do século XIX, e inseriu-se no desenvolvimento da civilização ocidental segundo Elias e Dunning (1992), sendo mutável face às transformações que se têm vindo a expressar nas sociedades. O desporto apresenta-se como um espaço da história, inserido nas formações sociais que o expressam. De facto, desde o século XVIII que na sociedade inglesa se foram introduzindo mudanças nas práticas físicas. Estas mudanças contemplaram o que Elias e Dunning (1992) designou de desportivização de determinados jogos, definindo regras e procedimentos normalizados que vieram a ser amplamente difundidos ao nível mundial.

Além do *ethos* dos participantes e da normalização das regras, também outras mudanças contribuíram para o aparecimento do desporto moderno. Segundo Marivoet, (2002), a criação de um Estado forte, unificador da nação, melhorando as vias de comunicação e circulação, permitiu que regiões mais afastadas passassem a disputar práticas físicas e recreativas entre si, codificando regras, espaços e tempos para que essa disputa fosse feita nas mesmas condições. Esta maior necessidade de subordinação às regras e aceitação das mesmas levou a um maior autocontrolo dos estados emocionais, viabilizando práticas desportivas sem risco de violência física. As necessidades de afirmação e comparação foram então transferidas para a confrontação mimética, controlada e não violenta no desporto, transformando-o numa forma de satisfação das necessidades sociais (Elias & Dunning, 1992).

Como acima referimos, o desporto moderno resultou de um processo de desportivização da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas e de elementos da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa. Também referindo a origem do desporto moderno na Inglaterra, Elias e Dunning (1992), referem que a sua concepção e organização estão intimamente relacionadas com os processos sociais e políticos que se viveram nos Estados-Nação ao longo dos séculos XVII e XVIII.

O aumento dos tempos livres que se seguiu à Revolução Industrial e a consequente procura de lazeres activos veio contribuir para uma maior adesão às práticas desportivas e, mais tarde, inspirado no modelo educativo das escolas públicas britânicas, Pierre de Coubertin reintroduziu os Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1896, o que levou a uma forte institucionalização das mesmas (Marivoet, 2002).

Para José Esteves (1999), o que há de característico e fundamental no desporto, é, justamente, o que define e caracteriza a sociedade em que ele se pratica e desenvolve. De acordo com o autor, criticar ou ridicularizar o desporto no isolamento de uma actividade estranha e lamentável, de degenerada ou arruaceira, sem aceitação e nível, é não entender o que nele há de expressivo, é não entender os seus valores e objectivos, é desconhecer as suas implicações e pressupostos, pois o sinal, as aparências, e os valores do acto desportivo só hão-de mudar, obviamente, quando mudar tudo o resto que o determina e envolve, ou seja, o processo das relações dos homens.

I.2. DESPORTO E MUDANÇA SOCIAL

I.2.1 O Movimento do Desporto para Todos

A revolução científica e tecnológica permitiu à sociedade actual trabalhar menos e produzir mais, o que levou a alterações significativas no modo de vida das sociedades, tendo sido neste contexto que surgiu o tempo livre (Gomes, 2005). Para Constantino (1993) o tempo livre é sobretudo um tempo social, havendo actualmente uma maior valorização da pessoa humana do que há décadas atrás. Actualmente são visíveis vontades e aspirações que outrora eram reprimidas ou censuradas, há uma maior espontaneidade e valorização nas relações com os outros, deixando de parte as relações demasiadas hierárquicas.

Segundo Marivoet (1998) houve alterações em alguns ideais do desporto, ou seja a mentalidade de que o desporto tem como fim único a competição e altas performances deixou de fazer sentido, fazendo com que a política do "desporto para todos" tomasse força. Ao juntarmos a esta nova mentalidade o facto da sociedade contemporânea se ter tornado mais sedentária e a necessidade de equilibrar a sua qualidade de vida, surgiu a democratização do acesso à prática desportiva também como uma forma de prevenção da saúde face ao sedentarismo, tendo todos a oportunidade de terem acesso à prática desportiva.

Assim, a competição desportiva não é a única escolha possível para os jovens, adultos e idosos que querem praticar desporto, há outras formas de participação com um valor mais lúdico, com níveis de organização e de performances menos exigentes. As práticas desportivas de lazer despontaram novos valores na cultura físico-desportiva, como por exemplo, o desporto contribuir para o bem-estar com melhoria das condições físicas e de saúde, uma forma de relaxamento e anti-stress, e também um veículo de retorno do Homem à natureza de um meio cada vez mais urbanizado (Marivoet, 2002).

De facto, é dentro das actividades de lazer que o desporto tem vindo a revelar-se da maior importância na satisfação de procura das actividades de tempos livres. Assim, a prática desportiva assumiu um papel importante e deixa de ser uma actividade de elite para passar a ser uma prática para todos incentivada pelos próprios governos, visando uma "democratização do acesso à prática desportiva, investindo-se em redes de infra-estruturas desportiva à escala nacional, de modo a permitir a toda a população o direito ao desporto" (Marivoet, 2002: 56).

Ainda segundo a mesma autora, a democratização do acesso ao desporto e a consagração deste como um direito do cidadão, promoveram a cultura físico-desportiva, incrementando a generalização da prática desportiva. Assim, surge o movimento de cultura física que veio a ser consagrado pelo Conselho da Europa como o movimento do "Desporto para Todos". Apetrechado de uma forte componente lúdica, de condição física e sociabilidade, esta campanha pretendia fomentar os valores de cultura física e generalizar a prática desportiva através de políticas de promoção desportiva junto das populações (Marivoet, 2002).

No entanto, Marivoet (2002) refere que o quadro competitivo em Portugal é um pouco elitista e que requer um certo nível de aptidão física aos atletas, o que faz com que limite a difusão da participação desportiva na população em geral. Assim a formação e aprendizagem é direccionado só para a detecção de talentos e de altas performances, dificultando a transmissão e aquisição de hábitos de cultura físico-desportiva, que anteriormente foi designado como o "*Desporto para todos*", ou seja, a democratização do acesso ao desporto. No entanto, este ideal, que foi difundido durante a segunda metade do século passado, tem também criado uma tendência na sociedade portuguesa para introduzir hábitos desportivos decorrentes de valores da cultura físico-desportiva, ainda que Portugal esteja com um atraso de duas décadas em relação a outras sociedades europeias (Marivoet, 2001).

I.2.2. Novas Necessidades Sociais no Final do Século XX

De acordo com Lipovetsky (1994), o desporto de massas é essencialmente uma actividade dominada pela busca do prazer, do dinamismo energético, da experiência de si próprio. Refere este autor, que depois do desporto disciplinar e moralista, surgiu o desporto lazer, o desporto saúde, e o desporto desafio. Diz ainda que da prática desportiva se quer viver sensações de equilíbrio íntimo, valorização individual e evasão e descontração, não sendo a virtude que legitima o desporto, mas sim a emoção corporal, o prazer, a forma física e psicológica, e que deste modo o desporto converteu-se num dos emblemas mais significativos da cultura individualista narcísica centrada no êxtase do corpo.

Também Marivoet (2002: 40) refere que "O desporto praticado como ocupação de lazer permite a todas as idades vivenciar estados agradáveis e prazerosos, que vão ao encontro das necessidades mais sentidas neste final de século".

Gomes (2005) afirma que o lazer é divertimento quando procura satisfazer importantes necessidades sociais. Este autor acrescenta que para que o tempo livre seja satisfatório e significativo, as próprias pessoas devem ter a dizer algo que lhes exprima as necessidades, pois seja qual for a sociedade que queiramos construir, o seu principal fim deverá ser o de tornar a vida mais feliz, mais satisfatória para todos e o de dar a cada um uma oportunidade de apreciar as riquezas e os prazeres dessa sociedade. O mesmo autor refere ainda que a actividade física de lazer é apresentada como valor de uso quando privilegia o bem-estar e a recuperação para o essencial da vida, já que lhe é atribuída benefícios ao nível psicológico, social, cultural e económico. É por esta razão que Bento (1990), refere que a mudança de interesses, de expectativas, de motivos e valores vão suscitar o aparecimento de novas formas de actividades desportivas e Constantino (1993) reforça que, até à data, a prática desportiva nunca havia assumido formas tão diversas e generalizadas entre pessoas de todas as idades e de todas as classes sociais. O mesmo autor refere que "o desporto do futuro será o desporto dos cidadãos. Um desporto construído à medida de cada um, homens, mulheres, jovens, altos e baixos, gordos e magros, todos e todas, exigirão de um modo crescente dos poderes públicos as respostas sociais a uma existência feliz, equilibrada e saudável. Uma prática do desporto que respeite acima de tudo a diversidade e pluralidade de objectivos, de motivações, de gostos e de rendimentos" (1994: 89).

Segundo Marivoet, "o conhecimento do perfil dos praticantes em qualquer modalidade desportiva, mas sobretudo naquelas que melhor veiculam as necessidades sociais nos tempos de hoje, (...), torna-se imprescindível para a consolidação do sector do mercado a que se dirige. Deste modo, poder-se-ão contrariar as flutuações provocadas pela concorrência que, como todos sabemos, se faz sentir igualmente no espaço das modalidades desportivas" (2002: 42).

Contudo, no parecer de Marivoet (2002), as políticas desportivas públicas não têm contribuído para uma estruturação da oferta face às diferentes disposições da procura desportiva. A este respeito e na perspectiva de Constantino (1994), o Estado, surge actualmente a par com a sociedade civil, como um promotor de uma verdadeira oferta pública desportiva, capaz de responder às expectativas, necessidades e motivações de diferentes grupos sociais da população, para quem a oferta privada não era suficiente. Os clubes, as associações e as federações desportivas especializaram-se na prática desportiva de competição e não foram suficientemente ágeis para repensarem e reconverterem estratégias e modelos de actuação que permitissem acolher as novas procuras desportivas (Constantino, 1994).

Na opinião de Marivoet (2002), as ofertas desportivas não beneficiam uma generalização dos hábitos desportivos e a aquisição dos valores que levam à sua efectivação também se revela deficiente. Esta autora acrescenta que não basta que o desporto tenha alcançado o estatuto de direito do cidadão para que todos o queiram praticar.

I.3. DESPORTO DE AVENTURA

Tal como a sociedade, também o desporto sofreu alterações ao longo das décadas como temos vindo a referir, acompanhando assim a sua mudança. Segundo a perspectiva de Lipovetsky (1994), no séc. XIX e na primeira parte do séc. XX o desporto era visto como um meio de pedagogia moral, onde se podia assimilar algumas virtudes, como a coragem, a lealdade e a suplantação de si próprio. Hoje, o desporto abandonou um pouco este idealismo moralista e tornou-se entre outros num *desporto-desafio* para produzir outras sensações como o prazer, as emoções fortes e a valorização individual (Lipovetsky, 1994). Este autor designa esta mentalidade por *egobuilding*, onde o indivíduo pratica desporto para se divertir, pelo bem-estar, para superar obstáculos e riscos, ou para atingir determinadas performance, tendo sempre como base a valorização do corpo e

rentabilizado ao máximo esse capital. A escalada é sem dúvida uma modalidade desportiva que parece responder a estas novas necessidades sociais.

Neste contexto surgiram diversas outras novas actividades para ampliar a oferta e poder preencher as expectativas de quem pratica essas modalidades, levando à formação de um novo conceito, o que Lipovetsky (1994) designa de *desporto-moda*. Sempre no sentido de promover, comercializar e encorajar as *massas* para algo inédito, colocar o seu "produto" ao dispor de um público ansioso por sensações corporais únicas e de uma necessidade de auto-realização.

O culto do corpo na sociedade pós-industrial, veio incutir novos valores expressos num discurso que atribui ao desporto um conjunto de virtualidades, enaltecendo-se a sua capacidade de contribuir para o bem-estar dos indivíduos, melhorando as condições físicas e de saúde, no meio de relaxamento e anti-stress, assim como, um veículo para o retorno do homem à natureza numa sociedade que é cada vez mais urbanizada (Marivoet, 2002). A escalada, apesar de mais recentemente poder ser praticada em meio urbano, através das paredes artificiais, é essencialmente um desporto de grandes espaços ou da Natureza, o que parece ir ao encontro das novas necessidades sociais.

Também para Elias e Dunning (1992), o desporto moderno, tem-se constituído nas sociedades ocidentais, como um espaço que possibilita o afrouxamento dos estados emocionais, na busca de excitação e prazer e corte com a rotina, ganhando uma ampla importância social dadas as características do actual estágio civilizacional, caracterizado por sociedades fortemente normalizadas, e marcadas pela necessidade imposta aos indivíduos de não exteriorizarem os seus estados emocionais.

Já Lipovetsky (1994) revela que da realização pessoal, do respeito pela singularidade subjectiva, da personalidade incomparável surgiu uma nova forma de individualismo que veio substituir o pensamento e acções colectivos, focado na realização emocional de si próprio, ávido de juventude, de desportos, de ritmo, menos empenhada em triunfar na vida do que em realizar-se de modo contínuo na esfera íntima. Deste modo, este mesmo autor acrescenta que está a ocorrer uma nova fase na história do individualismo ocidental, verificando-se uma enorme alteração dos modos de vida, numa flutuação sistemática da esfera privada, das crenças e dos papéis. É nesta linha de pensamento e baseado em vários autores, que Gomes (2005) salienta o facto de se ter vindo a desenvolver uma reflexão para identificar nas práticas contemporâneas de lazer os sinais de uma substituição do *homo-economicus*, racional, constringido pelas instituições, absorvido nos seus cálculos de custo-benefício e capaz

de diferir a gratificação pessoal, pelo homem hedonista, individualista e dominado pela procura do prazer imediato.

O desporto, que nasce e se desenvolve na era da modernidade, sendo uma das grandes marcas deste período, com as mudanças dos paradigmas, conceitos e mentalidade da sociedade, dá origem a um novo conjunto de práticas corporais que parecem mais adequadas às necessidades e gostos da pós-modernidade (Bertrán, 1995). O desporto, vem disputar a ocupação do tempo de lazer, que se tornou numa necessidade, sobretudo para as camadas jovens (Marivoet, 1998). As práticas desportivas que envolvem o risco e o desconhecido são cada vez mais apetecidas e procuradas por essas camadas (Pires, 1994).

O prazer, a natureza, a emoção, a diversão e a aventura ao alcance de todos, no entanto, consumidos de forma individualizada, ainda que geralmente na companhia de outros e inclusivamente em cooperação, sem distinção de género, idade ou nível desportivo, são elementos essenciais para a identificação com estas actividades (Bertrán, 1995). As sensações vividas em grupo nas ondas, nas falésias ou na neve, substituem as noções de competição e da batalha pela vitória.

As actividades de aventura e culturais são múltiplas, tais como, a escalada, a canoagem, o pedestrianismo, a corrida de orientação, o cicloturismo. De uma maneira geral o gosto pela aventura encontra-se ligado ao gosto pela Natureza.

O Desporto realizado em meio natural é uma recusa mental de utilizar espaços desportivos artificiais e fechados que subjuguem o praticante aos processos e mecanismos da sociedade industrial. O praticante tira proveito da natureza com fins desportivos, considera o espaço e o ambiente global que o envolve, chegando a estabelecer estreitas relações com ela. A aventura, a natureza e o risco são os componentes da aventura desportiva (Pires, 1994).

Esta recente vaga de actividades desportivas torna-se aliciante porque contém uma oferta de práticas individualizadas e pouco regulamentadas, em que os adversários deixam de ser concorrentes directos e passam a ser as forças da natureza e auto superação do próprio praticante, aliado a uma componente de aventura com a exaltação do risco.

Gustavo Pires (1994) diz que é toda uma maneira diferente de olhar, compreender e de amar o desporto, uma prática desportiva, em que escolhas são livremente feitas, os riscos implicitamente aceites e a competição efectuada à medida de cada um, o que faz da aventura desportiva uma forma de estar no desporto. Toda esta perspectiva conduz a uma nova forma de ver, entender e utilizar a técnica, esta é um

instrumento ao serviço do Homem para enfrentar o desafio e vencer o obstáculo, o que interessa não é realizá-la até à perfeição absoluta.

Na perspectiva de John C. Miles (1978, *Ap. Pires, 1994*), os objectivos procurados pelos praticantes destas actividades resumem-se em dez:

- 1-*Para se testarem a si próprios;*
- 2-*Pela admiração que provocam nos outros;*
- 3-*Para impressionar os amigos e inimigos;*
- 4-*Pelo amor pelo risco;*
- 5-*Pela exploração pelo desconhecido;*
- 6-*Para se conhecerem a si próprios;*
- 7- *Para verem as flores, nos horizontes, outros cenários;*
- 8-*Para encontrarem outras pessoas fazendo a mesma actividade,*
- 9-*Para partilharem as mesmas experiências;*
- 10- *Para ultrapassarem barreiras humanas.*

Pires (1994) refere ainda que o desporto realizado em meio ambiente dá-nos a liberdade de escolher, de decidir e de arriscar num meio instável, com muitos elementos desconhecidos e que não se controlam.

Para Michel Bouet (1968, *Ap. Pires 1994*), os elementos que levam à atracção pelo risco em desporto são:

1. *fuga ás condições de conforto da vida actual, para se sentir o prazer proporcionado por apreendimentos em que se tem de lutar para «salvar a pele»;*
2. *Procura de satisfações em que não existe retorno, o que obriga aqueles que nelas se lançam a terem de agir para resolver os problemas que vão surgindo;*
3. *Conquista da natureza com a certeza que a natureza nos pode hipoteticamente vencer;*
4. *vitória sobre o medo;*
5. *Sentimento de que se está a fazer qualquer coisa que poucos são capazes de fazer;*
6. *Necessidade machista de se provar que não se tem medo, muitas vezes com recurso a meios técnicos sofisticados. Descarga de ansiedade.*

Para além de todos os apoios financeiros e tecnológicos, que geralmente envolvem os praticantes num projecto de aventura desportiva, existe toda uma mística própria daqueles que, antes de estarem na competição, estão na aventura, antes de serem máquinas de produzir Homens (Pires, 1994).

O risco, ainda que controlado, é um elemento aliciante pelo sentido de contradição de toda a segurança e tecnologia, sendo uma característica da sociedade em que vivemos. Não deixa de ser ilusório se pensarmos que os avanços tecnológicos introduzidos nestas actividades é que permitem uma prática segura, baseada na

qualidade e resistência dos materiais e nos meios de informação e comunicação, que minimizam e controlam as situações de risco (Bertrán, 1995).

Neto (1995) sistematizou cinco motivações principais para a proliferação desta vaga de novas actividades desportivas:

1. O confronto com o espaço natural – natureza;
2. A imprevisibilidade deste meio – aventura;
3. O risco e aventura corporal - perícia, autocontrolo, disciplina, sobrevivência;
4. A liberdade de escolha das práticas e das condutas – informalidade;
5. O desenvolvimento e identificação com um grupo e uma cultura – socialização.

Esta nova gama de actividades, frequentemente apelidada como Desportos Radicais, pode ser uma forma de mudar os conceitos que temos da prática desportiva formal, com vista ao rendimento e ao negócio. Estas novas modalidades desportivas podem ajudar a difundir o conceito de desporto como actividade física para todos, desprovida de sentido competitivo e elitista. No entanto, a sociedade já tem levado estas novas práticas desportivas a perder este sentido, com a progressiva institucionalização e comercialização das mesmas (Neto, 1995).

I.4. HÁBITOS DESPORTIVOS E ESTILOS DE VIDA

Nas sociedades industrializadas, o aumento dos tempos livres proporcionou que o lazer viesse a fazer parte dos tempos de vida das pessoas, sendo que para muitos é ocupado por actividades físico-desportivas. Este aumento gradual da procura desportiva como forma de lazer conduziu a uma crescente comercialização de espectáculos desportivos e outros serviços desportivos, e a uma intensificação da competitividade desportiva (Gomes, 2005).

Pires (1995) refere que a "terceira vaga" caracteriza-se, fundamentalmente, pelas tecnologias de comunicação. Segundo o mesmo autor, de uma sociedade industrializada passou-se a uma outra baseada na criação e distribuição de informação. Assim sendo, o desporto é, cada vez mais, uma actividade social geradora de informação que, ao estar ao alcance de todos, vai alterar as suas próprias condições de desenvolvimento.

De facto, o desporto conquistou os meios de comunicação, tendo obtido um lugar de destaque nas suas edições escritas, faladas ou televisionadas. Todos os dias, nos entram pela casa dentro modelos de prática desportiva, tornando o mundo do

desporto num dado adquirido. Esta globalização do desporto é, sem dúvida, uma consequência das novas tecnologias, pois permitem a divulgação, em tempo real, não só das diversas modalidades desportivas como também dos benefícios inerentes à sua prática (Pires, 1995).

A diminuição do tempo de trabalho, veio tornar o tempo livre e o seu aproveitamento numa questão primordial, tendo como consequência directa uma mudança face ao comportamento, criando um estilo de vida orientado para a recreação e para o exercício físico (Lança, 2003). A prática desportiva como forma de lazer onde se pode preencher algumas lacunas originadas pelo estilo de vida que levamos, ganha força a partir da segunda metade do século XX

Para Lopes (1989), nas campanhas do "Desporto para Todos", coloca-se mais ênfase sobre a participação do que sobre a competição, como incentivo à prática de jogos e exercícios simplificados, adaptáveis a diferentes grupos etários e sexos. No entanto há que ter presente, que embora se tenha assistido a uma valorização do desporto com actividade de lazer, nomeadamente pela importância na manutenção da condição física, prevenção da doença, combate ao stress e à monotonia dos quotidianos, bem como pelas potencialidades no incremento da sociabilidade e da performance do corpo, nem todos os indivíduos se sentem motivados para o experimentarem. No entanto, o desporto praticado como ocupação do lazer possibilita a todas as idades vivenciar estados agradáveis e prazerosos, que vão ao encontro das necessidades mais sentidas neste final de século (Marivoet, 2005).

Por seu lado, Norberto Santos (2005), diz que existiu uma valorização dos espaços de lazer/consumo acompanhada também de significativas modificações no modo de estruturação do tempo, em que o lazer está associado à redução do horário de trabalho, aos novos tempos de emprego, ao aumento da escolaridade obrigatória, à crescente amplitude do período pós-aposentação, ao progresso tecnológico, ao desemprego, à melhoria da qualidade de vida, ao aumento do rendimento das famílias, à entrada da mulher no mundo do emprego.

As transformações nas relações de género no espaço desportivo são visíveis na aproximação da *Participação Desportiva* feminina e masculina na maior parte das sociedades europeias em análise. No entanto, quando se analisa a participação no desporto de competição, intensivo e organizado, as assimetrias entre os sexos aumentam drasticamente, indicando que este espaço das práticas desportivas continua a ser um espaço marcadamente masculino, estando as mulheres direccionadas para estética, forma física e experiência social (Marivoet, 2005).

Esteves (1999), relativamente aos grupos sociais, e numa perspectiva mais histórica, menciona que a prática desportiva tem sido um privilégio de certas classes, e que continua a sê-lo. No passado a actividade físico-desportiva era a da preparação para a guerra, imposto aos escravos, aos servos e aos operários. Só os concorrentes aos Jogos Olímpicos da Grécia antiga, cavaleiros da Idade Média e alunos de escolas aristocráticas da Grã-Bretanha faziam actividade físico-desportiva como uma actividade lúdica no tempo livre disponível, são exemplos claros de privilégio desportivo como supremacia de grupo. Mas actualmente as sociedades ainda mantêm de certa forma esta desigualdade social, uma vez que a prática desportiva é uma forma de distinção ou vantagem de classe. Isto porque o desporto permanece uma regalia dos que têm mais bens materiais e ainda outro factor importante, que é o tempo livre. Assim as famílias de trabalhadores rurais e dos operários não especializados têm menos possibilidades de se movimentarem desportivamente.

Marivoet (2002) confirma esta ideia acrescentando ainda que as classes sociais com níveis superiores de capital social, económico e cultural procuram modalidades de difícil acesso, uma vez que serão essas que lhes fornecem maior capacidade de distintiva. Verificando-se depois estratégias por parte das restantes classes para compensarem a sua baixa estrutura de capital através do acesso a consumos desportivos que lhes forneçam maior capacidade de identificação social. Mesmo que actualmente se tente generalizar as modalidades fazendo uma oferta menos elitista, o "desporto para todos", a realidade é que as classes sociais com níveis superiores de capital andam sempre à procura de novas modalidades, as modalidades da moda de difícil acesso, de modo a ser-lhes restituída a distinção que procuram através do desporto. Isto porque estamos inseridos numa sociedade globalizante e mediática, onde o desporto pode ser um veículo de distinção social e de um estilo de vida. Estes factores tornam-se evidentes no momento da escolha das tais modalidades desportivas da moda com menor acessibilidade.

Marivoet (1998: 11) dá-nos o exemplo de ser "completamente diferente alguém manifestar num intervalo para o café, que no próximo fim-de-semana vai participar numa regata do que comentar o jogo de futebol que viu na televisão". Neste exemplo é notório a diferença do nível económico entre os dois indivíduos, ou seja, a capacidade distintiva torna-se mais evidente nos desportos mais restritivos e elitistas, como neste caso do aventureiro velejador em contraste com o comum fã de futebol. Muitas destas modalidades mais elitistas situam-se maioritariamente num âmbito de lazer, no entanto as do quadro competitivo também são uma maneira de afirmação social uma vez que estamos numa sociedade que dignifica o sucesso e a vitória. Os indivíduos pertencentes

aos grupos sociais com recursos mais elevados, dedicam-se a actividades de lazer mais caras. Os jovens, desejam a manutenção da saúde e da forma corporal, o bem-estar psicológico e o combate ao stress (Gomes, 2005).

O conceito de desporto teve pois a sua evolução e andou 'a par e passo' com as alterações sociais, económicas, ambientais e tecnológicas. Assim, em 1992, a "Carta Europeia do Desporto", define como Desporto: "todas as formas de actividades físicas que, através de uma participação organizada ou não, têm por objectivo a expressão ou o melhoramento da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis" (Marivoet, 2001: 143).

I.5. PROBLEMÁTICA, OBJECTO EM ESTUDO E HIPÓTESES

Interrogámo-nos em que medida a Escalada seria uma prática desportiva distintiva de um estilo de vida. Com base na revisão da literatura, vários autores referiram a associação dos desportos de aventura – em que a escalada se inclui –, com o contacto com a Natureza (Bouet, 1968 *Ap.* Pires 1994; Pires 1994; Bertrán, 1995; Neto, 1995; Marivoet, 2002)

Estes desportos são essencialmente procurados como uma prática de lazer, por isso, como uma actividade lúdica que proporciona o prazer aos seus praticantes (Elias & Dunning, 1992; Lipovetsky, 1994; Bertrán, 1995; Marivoet, 2002; Gomes, 2005)

Vários autores referiram que os praticantes dos desportos de aventura, em que a escalada se insere, procuram o corte com a rotina, a procura do novo, do desafio, do risco ou superação do medo, por isso, como uma actividade que trás valências psicológicas entre outras aos que as praticam, sendo também referido como uma nova necessidade social que ganhou força na segunda metade do século passado (Bento, 1990; Elias & Dunning, 1992; Pires, 1994; Bertrán, 1995; Neto 1995; Lopes, 1999; Gomes, 2005).

Os desportos de aventura proporcionam grande sociabilidade segundo vários autores, constituindo-se espaços de identidade e estilos de vida (Lopes, 1989; Neto, 1995; Lança, 2003). No entanto, segundo vários autores nem todos os indivíduos procuram este tipos de desportos. São sobretudo os jovens, os indivíduos do sexo masculino e os pertencentes aos grupos sociais com maiores recursos a procurem-nos (Marivoet, 2002; 2005; Gomes, 2005).

A prática de desportos radicais ou de aventura é apontada por vários autores como sendo uma prática de lazer distintiva, e por isso exigir recursos por parte dos seus praticantes (Bertrán, 1995; Esteves, 1999; Marivoet, 2002).

Com base nos contributos dos autores referidos, definimos então como objecto de estudo que os praticantes de Escalada apresentam um perfil social específico que valoriza o gosto pela aventura, a prática desportiva em meio natural como actividade de lazer, implicando recursos e apresentando um meio de corte com a rotina quotidiana.

De modo a aprofundarmos o nosso objecto de estudo, formulámos como primeira hipótese que a Escalada seria procurada pelos praticantes como uma actividade de risco que permite a superação do medo, de reforço da auto-realização e do prazer; independentemente do perfil dos praticantes.

Colocámos ainda como pressuposto de investigação, que a Escalada em meio natural fornece um sentido de liberdade, de corte com a rotina da vida quotidiana, de movimento, sociabilidade no espaço de lazer enquanto estilo da vida, sendo esta a nossa segunda hipótese.

Por fim, formulámos como terceira hipótese que a Escalada seria mais procurada pelos indivíduos do sexo masculino, jovens e inseridos em grupos sociais com maiores recursos, envolvendo investimentos financeiros e conhecimentos técnicos.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

II – METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentados os procedimentos metodológicos que serviram de orientação ao desenvolvimento do presente estudo, procurando realizar uma descrição pormenorizada e concisa das opções tomadas.

Assim, serão expostos os procedimentos utilizados na identificação dos grupos sociais, as dimensões e variáveis desagregadas em indicadores, as técnicas de recolha e tratamento da informação (procedimentos metodológicos relativos à aplicação do inquérito), o universo de análise e a caracterização da amostra.

II.1. MODELO DE ANÁLISE DESAGREGADO

De modo a operacionalizar as hipóteses desta investigação com vista à sua verificação, definimos três dimensões desagregadas em variáveis e indicadores, de acordo com as recomendações de Quivy e Campenhoudt (2003), estando elas presentes no Quadro 1.

Assim, na primeira dimensão intitulada os “Envolvimentos na prática da escalada”, desagrega-se em três variáveis que designámos de “Experiência”, “*Self*” e “Estilos de vida”.

A segunda dimensão contempla os “Recursos”, desagregados em duas variáveis: “Financeiros” e “Conhecimento Técnicos”.

Por último, a terceira dimensão diz respeito ao “Perfil” que se desagrega em quatro variáveis, identificadas como “Sexo”, “Idade”, “Estado civil” e “Grupo social”.

Quadro 1 – Modelo de análise desagregado

Dimensões	Variáveis	Indicadores
1. Envolvimentos na prática da escalada	1.1 Experiência	1.1.1 Contexto de início (P1)
		1.1.2. Anos de prática (P4)
	1.2 <i>Self</i>	1.2.1 Superação do medo (P12)
		1.2.2 Auto-Realização (P11)
		1.2.3 Razões para a prática (P3)
	1.3 Estilos de vida	1.3.1 Sociabilidade (P3, P7)
		1.3.2 Identidade/afinidades (P13, P14)
		1.3.3 Distinção (P 11P15,)
	2. Recursos	2.1 Financeiros
2.1.2 Material (P5, P6)		
2.1.3 Custo mensal (P10)		
2.1.4		
2.2 Conhecimento Técnicos		2.2.1 Formação Académica (P1)
		2.2.2 Formação Específica (P2)
3. Perfil		3.1 Sexo (P16)
	3.1.2 Masculino	
	3.2 Idade (P17)	Menos de 20 anos
		20 - 30 anos
		31 - 40 anos
		41 – 60 anos
		Mais de 61 anos
	3.3 Estatuto civil (P18)	Solteiro(a)
		Casado(a)
		União de facto(a)
Divorciado(a)		
3.4 Grupo social	Outro	
	3.4.1 Profissão (P20-3)	
	3.4.2 Condição perante o trabalho (P19)	
	3.4.3 Situação no trabalho (P24-7)	
		3.4.4 Habilitações literárias (P28)

II.1.1. Tipologia dos Grupos Sociais

O grupo social, que constitui uma variável independente na primeira hipótese, encontra-se desagregado nos seguintes indicadores: a “Profissão”, a “Condição perante o trabalho”, a “Situação no trabalho” e as “Habilitações literárias”. Assim, o grupo social foi elaborado a partir do modelo utilizado por Marivoet (2001:158-159), no estudo intitulado “*Hábitos da população portuguesa*”.

Como o questionário utilizado neste estudo é diferente do utilizado pela autora atrás citada, tivemos de proceder a alterações e ajustes ao número das questões, de acordo com a ordem do nosso questionário. Assim, procedeu-se à codificação da questão 20 do inquérito (Anexo 1), respeitante à profissão, utilizando os códigos da Tabela das Actividades profissionais (*vd.* Anexo 2) utilizada pela autora no referido estudo. Partindo da Tipologia dos Grupos Sociais utilizada pela autora Marivoet (2001), e através da codificação das questões 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26 e 27, adquirimos uma tipologia em estudo idêntica ao modelo utilizado pela autora, como se pode verificar no Quadro 2.

Quadro 2 – Tipologia dos grupos sociais

Empresários e Quadros Superiores EQS = (GE + QDS)	
Grandes Empresários (GE)	$(P24=1 \wedge P26 = 2 \wedge P27 =2)$
Quadros e Dirigentes e Empresários (QDS)	$\{(P20=02 \vee P20=03) \wedge [(P24=2) \vee (P24=1 \wedge P26=1) \vee (P24=1 \wedge P26=2 \wedge P27=1)]\}$
Serviços de Enquadramento e Execução SEE = (PP + QS +TE)	
Pequenos Proprietários (PP)	$\{(P20=01 \vee P20=04 \vee P20=05 \vee P20=06 \vee P20=07 \vee P20=08 \vee P20=09) \wedge [(P26=1) \vee (P26=2 \wedge P27=1)]\}$
Qualificados dos Serviços (QS)	$[(P20=04 \vee P20=05) \wedge (P24=2)]$
Trabalhadores de Execução (TE)	$(P20=06 \wedge P24=2)$
Profissionais da Indústria PI = O	
Operariado (O)	$(P20=07 \wedge P24=2)$
Trabalhadores Agrícolas e Pescas TAGP = (TAG + P)	
TRABALHADORES Agrícolas (TAG)	$(P20=08 \wedge P24=2)$
Pescadores (P)	$(P20=09 \wedge P24=2)$

II.2.TÉCNICAS DE RECOLHA E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Após realizado o enquadramento teórico onde recolhemos o contributo de vários autores para posteriormente definir o objecto de estudo e consequentemente hipóteses de estudo, iremos passar à fase seguinte do nosso trabalho que visa a elaboração do instrumento de recolha de informação, o inquérito sociográfico. A elaboração deste

inquérito é uma fase fundamental, uma vez que permitirá auferir informação que nos permita, com rigor e através de uma técnica quantitativa, compreender e retirar conclusões acerca das hipóteses em estudo (Ghiglione & Matalon,1992).

II.2.1. Instrumento de Medida

Como foi referido, para realização deste estudo foi elaborado um inquérito por questionário (Anexo 1), intitulado “*Inquérito aos hábitos de praticantes da escalada*”. Foi escolhido para esta investigação um inquérito por questionário, uma vez que é uma técnica quantitativa que permite medir comportamentos pré-estabelecidos através de pequenas amostras extrapoláveis para a realidade.

O inquérito é constituído por 28 questões numeradas com sequência numérica que se divide em três grupos. O primeiro sobre a Prática da Escalada, seguido da Valorização da Actividade e por último, a Identificação. Este questionário contém na parte inicial um pequeno texto explicativo do objectivo e âmbito do estudo, e também a confidencialidade e o anonimato das informações recolhidas.

Este inquérito é constituído por questões abertas (onde o inquirido escreve de acordo com a sua situação), fechadas (questões de resposta única) e semi-fechadas (questões de escolha múltipla onde o inquirido selecciona as que correspondem à sua situação). As respostas foram codificadas, sendo que as questões abertas foram construídas grelhas de codificação (cf. Anexo 2), onde atribuímos códigos a cada resposta dada pelos inquiridos.

II.2.2. Procedimentos Metodológicos Relativos à Aplicação do Inquérito por Questionário

Para aplicar os inquéritos sociográficos comecei por contactar, primeiro por e-mail e posteriormente pessoalmente, um dos responsáveis do núcleo de Seia, que me colocou em contacto com praticantes da escalada da Redinha e com um dos organizadores do 2.º *Encontro de Escaladores no Caramulinho*, de forma a tomarem conhecimento do objectivo e o âmbito deste estudo, a fim de aprovarem o inquérito por questionário e autorizar a sua aplicação aos participantes.

Antes da aplicação dos questionários sociográficos foi realizado um pré-teste a 10 indivíduos com características semelhantes à amostra pretendida (praticantes da

escalada do núcleo de Seia), de modo a podermos detectar possíveis incorrecções no inquérito e assim nos certificarmos da sua correcta compreensão.

Após a recolha dos inquéritos do pré-teste, que nos certificou da clareza, aplicámos os questionários seguindo um determinado protocolo, nomeadamente, referir o objectivo do estudo, o âmbito em que foi elaborado, a confidencialidade das respostas e o agradecimento da colaboração. A administração dos questionários foi feita pelo próprio investigador, estando eu sempre no local para esclarecer eventuais dúvidas e incentivar os utentes a colaborar neste estudo.

II.2.3. Análise e Tratamento dos Dados

Após a recolha de dados, obtidos através da aplicação dos inquéritos aos participantes durante o *2.º Encontro de Escaladores no Caramulinho*, que decorreu de 7 a 8 de Junho de 2008, e no fim-de-semana que o antecedeu, na Redinha, e construídas as grelhas de codificação das respostas abertas, a informação foi tratada em computador utilizando o programa informático de estatística *SPSS 16 for Windows*, em que criámos uma base de dados com todas as respostas às questões do questionário. A partir daí foram elaborados os quadros de apuramento que serviam de base à criação de tabelas e gráficos em *Excel*, que nos permitiram discutir as hipóteses, como podemos ver no Capítulo III.

II.3. UNIVERSO DE ANÁLISE

O encontro em que aplicamos os questionários designou-se “*Escaramular 2008*”, tratou-se do *2.º Encontro de Escaladores no Caramulinho*, realizado pela Escola de Escalada no Caramulinho, organizado pelo Núcleo de Escalada da ACERT e promovido pela Junta de Freguesia do Guardião, integrado numa amostra de gastronomia e actividades desportivas da Serra do Caramulo (cf. Anexo 4).

O Núcleo de Escalada surgiu em Fevereiro de 2005, por proposta do associado Nelson Cunha, tendo em vista a divulgação e promoção da prática da Escalada junto da comunidade de Tondela. Esta iniciativa foi acolhida pela direcção e por alguns associados que se mostraram interessados em experimentar e a praticar esta modalidade. Pelas actividades deste núcleo já passaram largas dezenas de pessoas que experimentaram, mas que nem todos ficaram adeptos, pois actualmente têm cerca de 19

praticantes filiados. A dinâmica deste núcleo tem sido assegurada pelo sócio “fundador”, Nelson Cunha, professor de Educação Física.

A organização do encontro decorreu em parâmetros semelhantes à primeira edição, tendo sido pedido aos participantes que fizessem uma pré-inscrição e que fossem portadores de seguros de praticantes da modalidade. Quem não fosse detentor de seguro, na prévia inscrição poderia efectuar um seguro diário com uma agravante no custo da inscrição. O preço de inscrição de 7,5 euros previa estadia, jantar e lembranças.

Contou com a colaboração de cerca de 50 participantes desde os 3 aos 50 anos, provenientes de Lisboa, Covilhã, Soure, Caramulo, Torredeita, Viseu, Tondela, Fermentelos e Sever de Vouga.

No fim-de-semana que antecedeu o encontro, aplicámos alguns questionários a praticantes da escalada na Redinha - Serra do Sicó – Pombal, sendo uma parte destes participaram igualmente no 2.º *Encontro de Escaladores no Caramulinho*. Deste modo, pude aumentar a minha amostra num grupo de escaladores com alguma proximidade física nos espaços da escalada, tendo reunido 63 questionário correctamente preenchidos.

Será de referir que a Redinha é descrita como uma “povoação muito pitoresca com os seus moinhos movidos pela corrente de Anços”, é um local de eleição, cujo património histórico e cultural é admirado por quem passa. A Serra do Sicó contém zonas de prática regular de Escalada, sendo que quem pratica Parapente pode desfrutar dos ventos de Sicó, que reúne no seu corpo de calcário um original conjunto de formações cársicas, nomeadamente grutas.

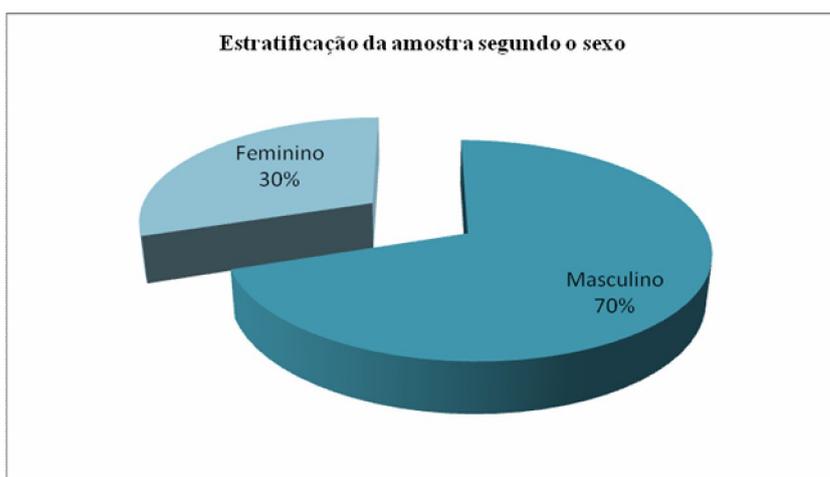
A Associação Escola D. Carlos I, das Caladas da Rainha, tem promovido neste local várias actividades ao ar livre, no âmbito do desenvolvimento do projecto de ensino e divulgação das artes de Defesa Pessoal e de Desportos Radicais, Ambientais e pesquisa Científica, incentivando tanto associados como a população em geral à prática dos mesmos, alertando simultaneamente para a necessidade de uma formação, em termos técnicos e ambientais, que lhes permita desfrutar todos os benefícios que estas modalidades oferecem, evitando situações que ponham em risco a sua integridade física e/ou a dos outros, respeitando a Natureza e todo o meio envolvente.

II.3.1. Caracterização do Universo em Estudo

Para caracterizar a amostra utilizámos as variáveis sexo, idade e grupo social. Utilizámos ainda as variáveis estado civil, condição perante o trabalho, habilitações literárias, e cargo de responsabilidade no trabalho que cruzamos com as anteriores. Não se tratou de uma estratificação, já que convidámos todos os presentes do encontro no fim-de-semana da Redinha e todos os participantes do 2.º Encontro de Escaladores no Caramulinho que não tinham estados presentes no fim-de-semana anterior na Redinha, o que fez 63 questionários.

Dos 63 praticantes da Escalada da nossa amostra, 44 são homens (70%) e 19 são mulheres (30%), como se pode ver no Gráfico 1. Deste modo, a maioria da nossa amostra é do sexo masculino.

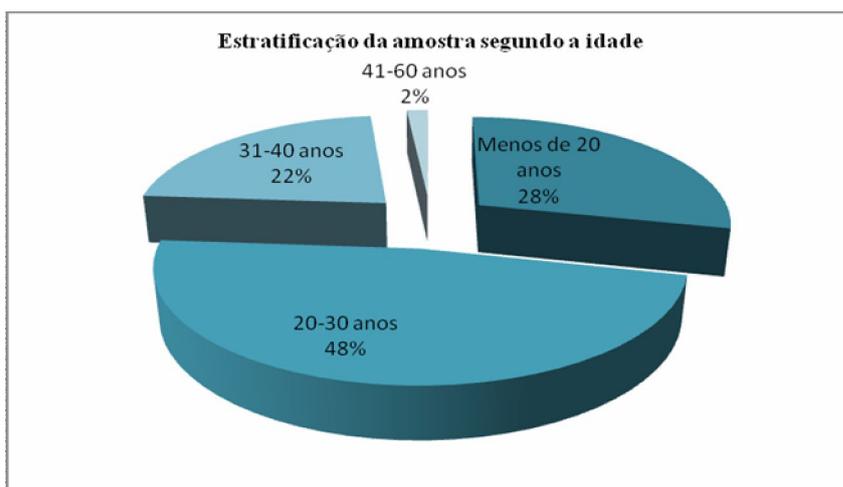
Gráfico 1



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Dos 63 praticantes da Escalada da nossa amostra 30 têm entre 20 e 30 anos (48%), 18 menos de 20 anos (28%), 14 entre 31 e 40 anos (22%), e 1 entre 41 e 60 anos (2%), como se pode ver no Gráfico 2. Assim a maioria da nossa amostra é constituída por jovens.

Gráfico 2



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Do cruzamento do sexo com a idade verifica-se que não há diferenças de género nos jovens até aos 20 anos, embora a presença de mulheres decresça com a idade, por isso, nas idades mais velhas a nossa amostra é constituída essencialmente por homens (v. Quadro 3).

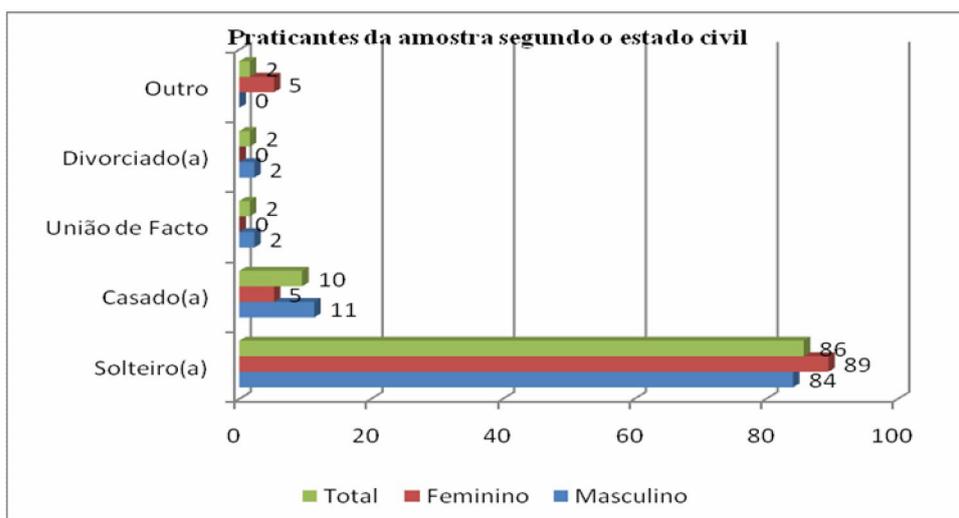
Quadro 3 – Estratificação da amostra segundo o sexo e a idade

	MENOS DE 20 ANOS	(%)	20-30 ANOS	(%)	31-40 ANOS	(%)	41-60 ANOS	(%)	TOTAL	(%)
Masculino	9	14	22	35	12	19	1	2	44	70
Feminino	9	14	8	13	2	3	0	0	19	30
Total	18	29	30	48	14	22	1	2	63	100

Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Dos 63 praticantes da Escalada da nossa amostra 54 são solteiros (86%), 6 são casados (10%), 2 são respectivamente, um divorciado e outro em união de facto (2% cada), como se pode ver no Gráfico 3. Deste modo, a maioria da nossa amostra é solteira quer no sexo masculino (84%), quer no feminino (89%).

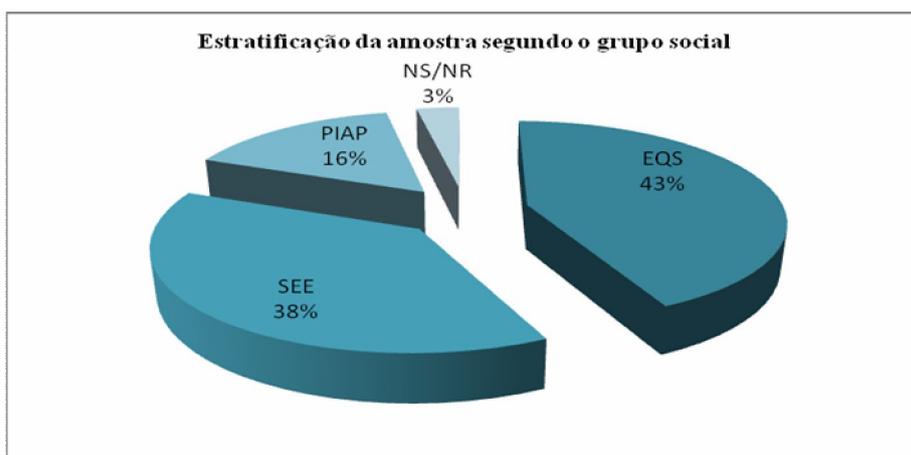
Gráfico 3



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Dos 63 praticantes da Escalada da nossa amostra 27 são Empresários e Quadros Superiores (EQS; 43%), 24 dos Serviços de Enquadramento e Execução (SEE, 38%), 10 são Profissionais da Indústria e Trabalhadores Agrícolas e Pesca (PIAP; 16%), e 2 NS/NR (3%), como se pode ver no Gráfico 4. Deste modo, a maioria da nossa amostra pertence ao grupo social com maiores recursos.

Gráfico 4



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Do cruzamento do sexo com o grupo social verifica-se que, quer no sexo masculino como no feminino, a maioria da nossa amostra pertence ao grupo social com maiores recursos (EQS), respectivamente 30% e 13%, conforme Quadro 4.

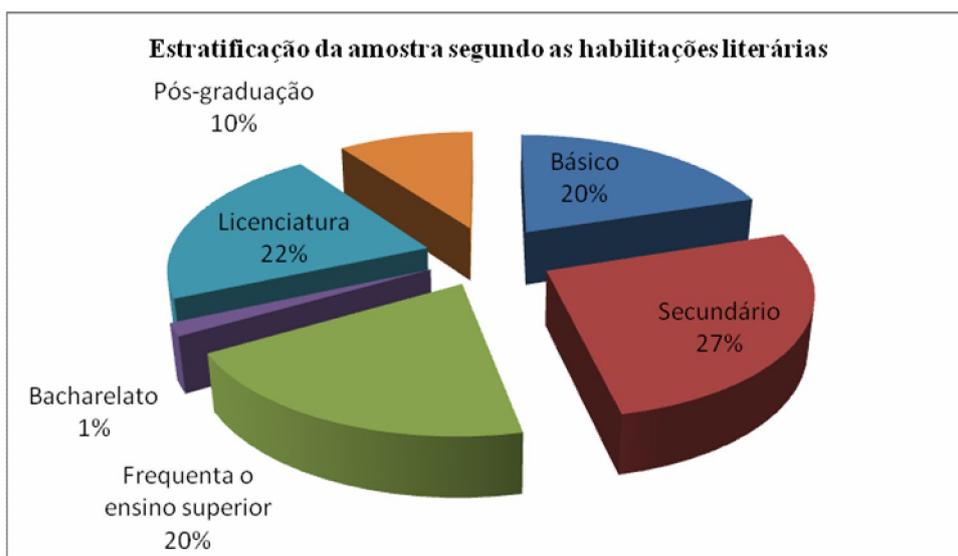
Quadro 4 – Estratificação da amostra segundo o sexo e o grupo social

	EQS	(%)	SEE	(%)	PIAP	(%)	NS/NR	(%)	TOTAL	(%)
Masculino N=44	19	30	18	29	6	10	1	2	44	70
Feminino N=19	8	13	6	10	4	6	1	2	19	30
Total N=63	27	43	24	38	10	16	2	3	63	100

Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Dos 63 praticantes da Escalada da nossa amostra 16 têm o ensino secundário (27%), com licenciatura 13 (22%), com ensino básico ou a frequentar o ensino superior existem 12 respectivamente (20% cada), e com pós graduações temos 6 (10%), e por último com Bacharelato temos apenas um praticante (1%), conforme gráfico 5. Deste modo, a maioria da nossa amostra tem habitações literárias no âmbito do ensino superior.

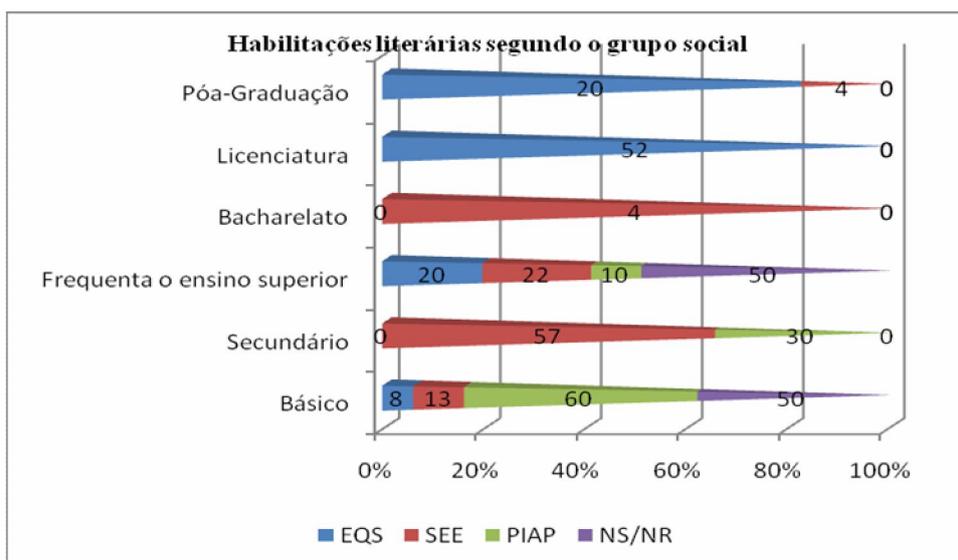
Gráfico 5



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Do cruzamento do grupo social com as habilitações literárias verifica-se que a maioria dos praticantes pertencentes ao grupo social EQS detêm habitações no âmbito do ensino superior, embora se encontrem todos os grupos sociais no caso dos que frequentam o ensino superior (v. Gráfico 5). Este facto deve-se às características das famílias em que os jovens estão inseridos.

Gráfico 6



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

A maioria da nossa amostra exerce uma actividade remunerada (52%), embora sejam sobretudo os praticantes inseridos no EQS que mais contribuem para este facto (29%), já que nos pertencentes ao SEE e PIAP a maioria seja estudante, respectivamente 19% e 10% (v. Quadro 5).

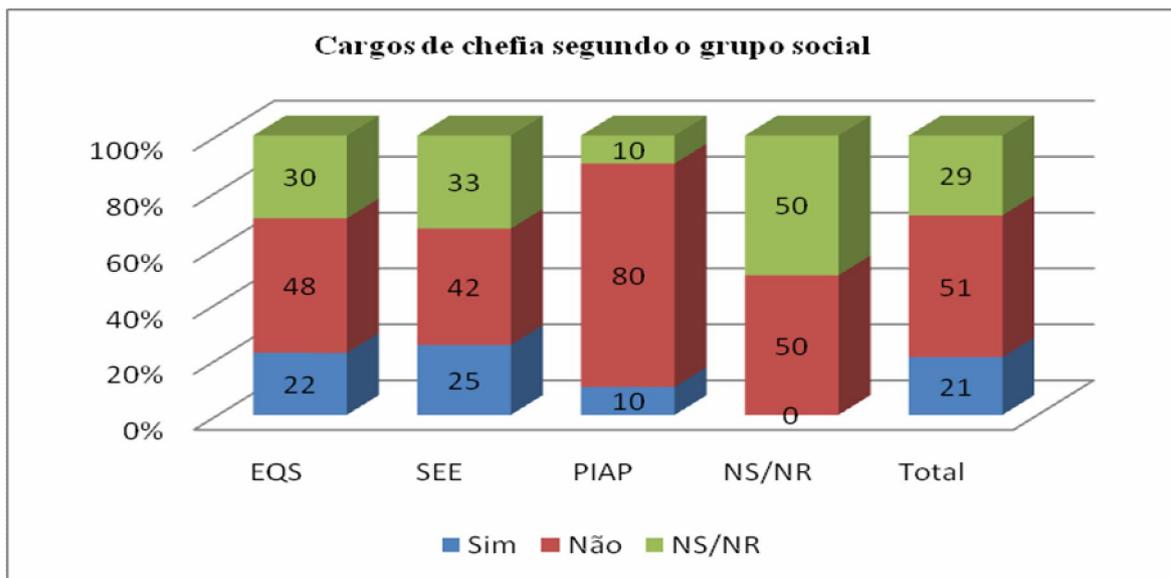
Quadro 5 – Estratificação da amostra segundo a condição perante o trabalho e o grupo social

	EQS	SEE	PIAP	NS/NR	TOTAL
Exerce uma actividade remunerada	29	17	6	0	52
Estudante	14	19	10	3	46
Desempregado(a)	0	2	0	0	2
Total	43	38	16	3	100

Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Do cruzamento do grupo social com os cargos de chefia verifica-se que apenas uma pequena parte da nossa amostra (21%) desempenha cargos de chefia (v. Gráfico 7).

Gráfico 7



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

CAPÍTULO III

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo realizamos a análise e discussão da informação obtida no inquérito por questionário sobre os hábitos dos praticantes da Escalada aplicado no “Escaramular 2008” e na Redinha.

Assim, com base nos contributos de diversos autores que se debruçaram sobre esta temática, definimos o objecto de estudo desta investigação, que visa verificar se os praticantes de Escalada apresentam um perfil social específico que valoriza o gosto pela aventura, a prática desportiva em meio natural como actividade de lazer, implicando recursos e apresentando um meio de corte com a rotina quotidiana. Para verificar o grau de veracidade do objecto, foram formuladas três hipóteses que serão testadas segundo o conjunto de pressupostos metodológicos definidos no capítulo anterior. Para o efeito, construímos uma base de dados em *SPSS* com posterior cálculo em *Excel* que nos permitiu analisar e discutir as hipóteses em estudo, cujas conclusões serão apresentadas no presente capítulo.

III.1. A ESCALADA: UM DESPORTO DE AVENTURA

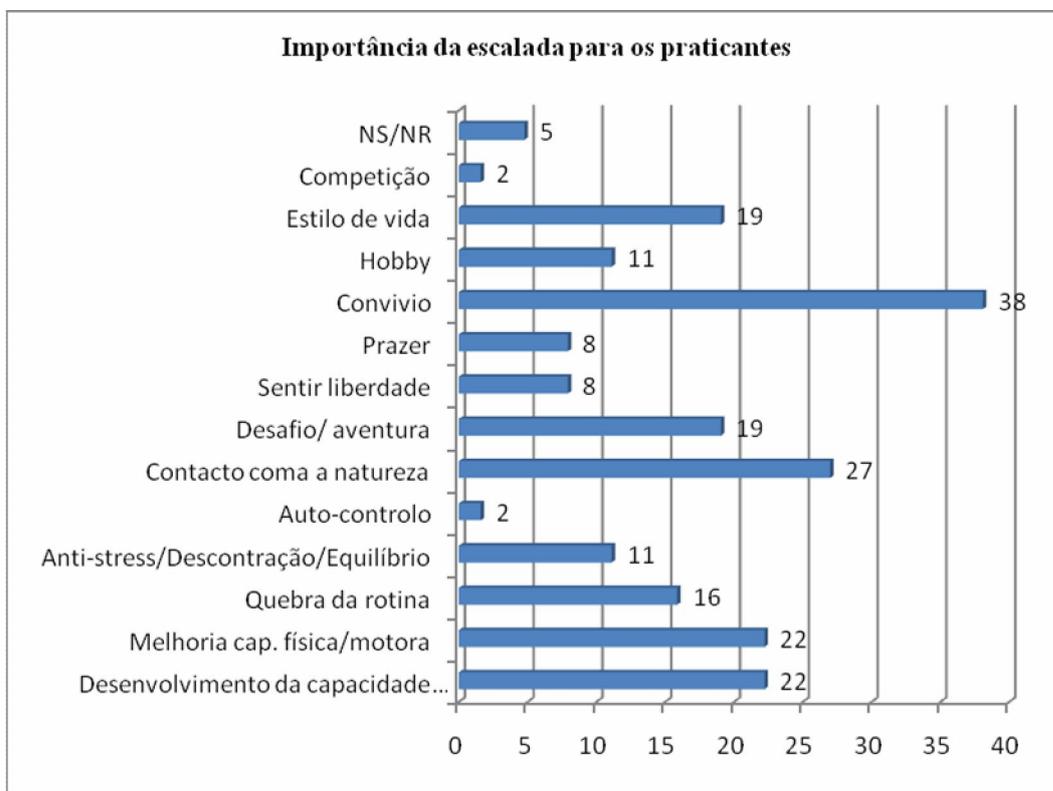
A nossa primeira hipótese pressupunha que, a Escalada é procurada pelos praticantes como uma actividade de risco que permite a superação do medo, de reforço da auto-realização e do prazer; independentemente do género, idade e grupo social. Para podermos aprofundar esta primeira hipótese segundo a metodologia definida anteriormente iremos analisar a importância da actividade para o universo da nossa amostra e as valências da prática da Escalada.

III.1.1. Importância da Actividade

Podemos observar no Gráfico 8, que a maior importância referida pelos praticantes da nossa amostra para a prática da Escalada foi o “convívio” (38%), seguida do “contacto com a natureza” (27%), da “melhoria da capacidade física/ motora” e do “desenvolvimento da capacidade mental/ auto-realização” (22% cada), do “desafio aventura” e do “estilo de vida” (19% cada), da “quebra da rotina” (16%), do “anti-stress/descontração/equilíbrio” (11%), do “hobby” (11%), do “sentir a liberdade” (8%),

do “prazer” (8%), do “auto-controlo” (2%), e por último da “competição” (2%), enquanto que os restantes (5%) não responderam/ não sabem.

Gráfico 8



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Deste modo, podemos concluir, que segundo a opinião da nossa amostra não se verificam completamente os pressupostos da primeira hipótese, dado que a maioria apontou o convívio como a maior importância para a prática tal como refere Lopes, (1989), e tínhamos considerado o risco, a superação do medo, o reforço da auto-realização e o prazer. No entanto, quando os inquirimos sobre as razões da prática da escalada, numa questão fechada, por isso com indicação de escolhas, o prazer recebeu a 1.^a escolha, seguido do convívio e do desafio/aventura como veremos mais adiante (vd. Gráfico 10).

Género

Apesar de os praticantes masculinos e femininos apresentarem o convívio como o mais importante para a prática da Escalada (v. Quadro 6), as mulheres aproximam-se mais do que os homens na importância dada ao facto de se tratar de uma actividade de risco (32% face a 14% nos homens), e ser um reforço da auto-realização (26% face a 20% dos homens).

Quadro 6 – Importância da Escalada para os praticantes segundo o sexo (%)

	MASCULINO N=44	FEMININO N=19
Desenvolvimento da cap. mental/auto-realização	20	26
Melhoria cap. física/motora	20	26
Quebra da rotina	14	21
Anti-stress/Descontração/Equilíbrio	9	16
Auto-controlo	2	0
Contacto com a natureza	32	16
Desafio/ aventura	14	32
Sentir liberdade	7	11
Prazer	9	5
Convívio	36	42
Hobby	16	0
Estilo de vida	20	16
Competição	2	0
NS/NR	5	5

Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Idade

Apesar de os praticantes de todas idades apresentarem o convívio como o mais importante para a prática da Escalada, os mais novos dão mais importância ao facto de se tratar de uma actividade de risco, enquanto os mais velhos de ser um reforço da auto-realização, conforme se poderá ver no Quadro 7.

Quadro 7 – Importância da Escalada para os praticantes segundo a idade (%)

	MENOS DE 20 ANOS N=18	20-30 ANOS N=30	31-40 ANOS N=14	41-60 ANOS N=1
Desenvolvimento da cap. mental/auto-realização	-	30	29	100
Melhoria cap. física/motora	22	17	36	0
Quebra da rotina	6	27	7	0
Anti-stress/Descontração/Equilíbrio	11	10	7	100
Auto-controlo	0	0	7	0
Contacto com a natureza	28	27	29	0
Desafio/ aventura	33	20	0	0
Sentir liberdade	17	3	7	0
Prazer	6	10	7	0
Convívio	56	23	50	0
Hobby	11	3	29	0
Estilo de vida	-	27	21	100
Competição	6	-	-	-
NS/NR	-	3	14	0

Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Grupo Social

Como se poderá constatar no Quadro 8, apenas os praticantes inseridos no grupo social de maiores recursos (EQS) dão mais importância ao facto da escalada constituir uma actividade desportiva de reforço da auto-realização (41%), seguida do convívio (37%). Para todos os outros, o convívio continua a ser apresentado como o mais importante, ainda que no caso do SEE o contacto com a natureza seja o segundo aspecto mais importante (33%), e no caso do PIAP tenha a mesma importância do que o facto de se tratar de um desporto de risco ou de aventura/desafio (ambos com 30%).

Quadro 8 – Importância da Escalada para os praticantes segundo o grupo social (%)

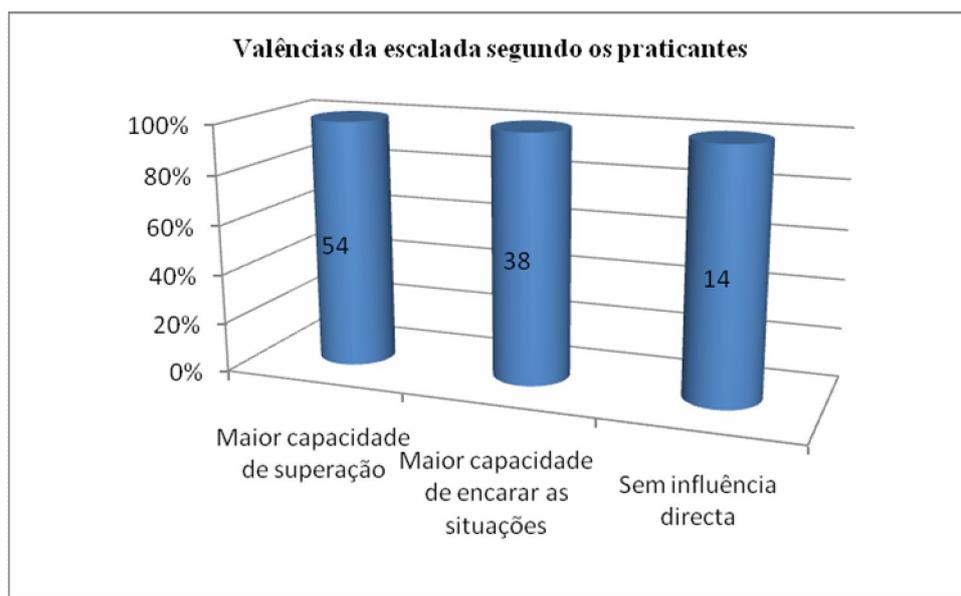
	EQS N=27	SEE N=24	PIAP N=10	NS/NR N=63
Desenvolvimento da cap. mental/auto-realização	41	4	20	-
Melhoria cap. física/motora	33	13	10	50
Quebra da rotina	7	29	10	-
Anti-stress/Descontração/Equilíbrio	15	13	-	-
Auto-controlo	4	-	-	-
Contacto com a natureza	26	33	10	50
Desafio/ aventura	19	17	30	-
Sentir liberdade	7	8	10	-
Prazer	4	8	20	-
Convívio	37	42	30	50
Hobby	11	13	-	50
Estilo de vida	19	21	20	-
Competição	-	-	10	-
NS/NR	7	4	-	-

Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

III.1.2. Valências da Prática da Escalada para os Praticantes

Através da análise do Quadro 9, verificamos que a maior valência da prática da Escalada foi adquirir maior capacidade de superação (54%), seguida de maior capacidade de encarar as situações (38%). Deste modo, apesar da importância principal para a prática da Escalada tenha sido apontada para o convívio, os nossos inquiridos afirmaram que a prática da Escalada lhes permite lidar melhor com a insegurança e o medo, contribuindo para a sua superação tal como estabelecia a nossa hipótese 1 de acordo com as conclusões de vários autores (Bouet, 1968 *Ap.* Pires, 1994; Gomes, 2005). Assim apenas 14% referiram que a prática da escalada não tem influência directa nas suas valências pessoais.

Gráfico 9



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Género

Quando analisamos a valência da Escalada segundo a opinião dos praticantes com o género, verificamos que os homens apresentam um valor superior na maior capacidade de superação (57%), enquanto as mulheres se dividem com igual percentagem pelas duas valências (a referida e a maior capacidade de encarar as situações), respectivamente 47% (v. Quadro 9).

Quadro 9 – Valência da Escalada para os praticantes segundo o sexo (%)

	MASCULINO N=44	FEMININO N=19
Maior capacidade de superação	57	47
Maior capacidade de encarar as situações	34	47
Sem influência directa	14	16

Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Idade

Observando o quadro 10, verificamos que a maior valência apontada pelos praticantes com menos de 20 anos foi a maior capacidade de superação (78%), os praticantes entre os 20 e 30 anos assinalaram a maior capacidade de encarar as situações (47%), e os indivíduos entre os 31 e 40 anos referiram maioritariamente a maior capacidade de encarar as situações (50%). Será também de salientar que as valências pessoais na prática da Escalada segundo a opinião dos praticantes decresce com a idade.

Quadro 10 – Valência da Escalada para os praticantes segundo a idade (%)

	MENOS DE 20 ANOS N=18	20-30 ANOS N=30	31-40 ANOS N=14
Maior capacidade de superação	78	50	36
Maior capacidade de encarar as situações	17	47	50
Sem influência directa	6	13	21

Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Grupo Social

Quando analisamos as valências pessoais segundo os grupos sociais de pertença, verificamos que existem diferenças. Como podemos ver no Quadro 11, enquanto os pertencentes ao EQS apresentam a maior capacidade de encarar situações (59%), os pertencentes ao SEE apresentam a maior capacidade de superação tal como os PIAP respectivamente 58% e 70%.

Quadro 11 – Valência da Escalada para os praticantes segundo a idade (%)

	EQS N=44	SEE N=30	PIAP N=14	NS/NR N=2
Maior capacidade de superação	41	58	70	100
Maior capacidade de encarar as situações	59	29	10	0
Sem influência	11	17	20	0

Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

II.1.3. Síntese Conclusiva

Tínhamos colocado como primeira hipótese, a aprofundar neste ponto, que, a Escalada é procurada pelos praticantes como uma actividade de risco que permite a superação do medo, de reforço da auto-realização e do prazer; independentemente do género, idade e grupo social.

Com base nos resultados podemos concluir que o convívio ou a sociabilidade é de facto o mais importante para a prática da Escalada independentemente do perfil dos praticantes.

No entanto encontram-se algumas diferenças nos aspectos que não receberam a maior importância. As mulheres, dão mais importância ao facto de ser uma actividade de risco e contribuir para o reforço da auto-realização do que os homens. Os jovens dão mais importância ao facto de ser uma actividade de risco, enquanto os mais velhos valorizam o reforço da auto-realização. Os pertencentes aos grupos sociais com maiores

recursos (EQS) dão maior importância à auto-realização, enquanto os pertencentes ao SEE valorizam mais o contacto com a natureza e os PIAP o facto de ser um desporto de risco, de aventura e desafio.

Já nas valências advindas da prática da Escalada a capacidade de superação e melhorar o encarar de situações, foram as mais referidas por todos os inquiridos independentemente do seu perfil. No entanto, existem diferenças, como por exemplo os homens valorizaram mais a capacidade de superação. Também observamos que as valências pessoais segundo a opinião dos praticantes da Escalada da nossa amostra decrescem com a idade. Esta realidade vai ao encontro de Gomes, nomeadamente quando refere que os jovens procuram este tipo de desportos para o bem-estar psicológico (Gomes, 2005).

Deste modo, e com base na análise da nossa amostra a Escalada é procurada pelos praticantes, principalmente como uma actividade de convívio ou sociabilidade, ainda que estes identifiquem valências pessoais na sua prática, tais como a capacidade de superar e encarar situações na vida real, independentemente do género, idade e grupo social, ainda que com algumas diferenças como vimos.

III.2. A ESCALADA COMO ESTILO DE VIDA

A nossa segunda hipótese pressupunha que, a Escalada em meio natural fornece um sentido de liberdade, de corte com a rotina da vida quotidiana, de movimento, sociabilidade no espaço de lazer enquanto estilo da vida. Para podermos aprofundar esta segunda hipótese de acordo com a metodologia definida anteriormente, iremos analisar as razões para a prática segundo a opinião dos praticantes inquiridos, e as sociabilidades na Prática da Escalada

III.2.1. Razões para a Prática da Escalada Segundo os Praticantes

Como podemos ver no Gráfico 10, na 1.^a razão mais apontada pelos nossos inquiridos para a prática da escalada encontra-se o prazer pessoal (25%), tal como referiram vários autores (Elias & Dunning, 1992; Lipovetsky, 1994; Bertrán, 1995). Como segunda razão mais apontada encontra-se o convívio/sociabilidades (24) como já acima referimos. Por

fim, como terceira razão principal encontra-se o desafio/aventura (19%), tal como vários autores afirmaram (Pires, 1994; Bertrán, 1995; Neto, 1995)

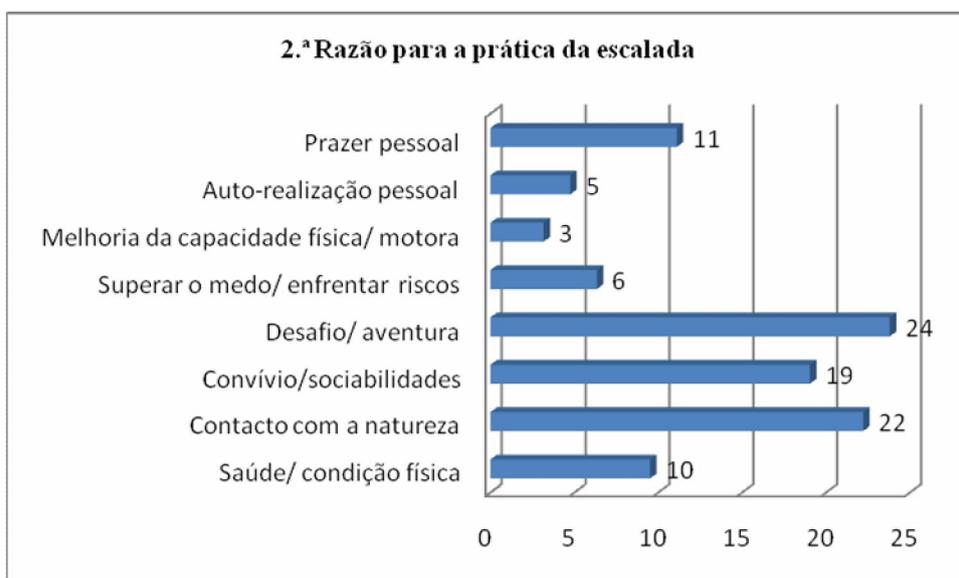
Gráfico 10



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Na 2.ª razão apontada pelos nossos inquiridos para a prática da Escalada encontra-se o desafio/aventura (24%), seguido do contacto com a natureza (22%) e o convívio/sociabilidades (19%), conforme Gráfico 11.

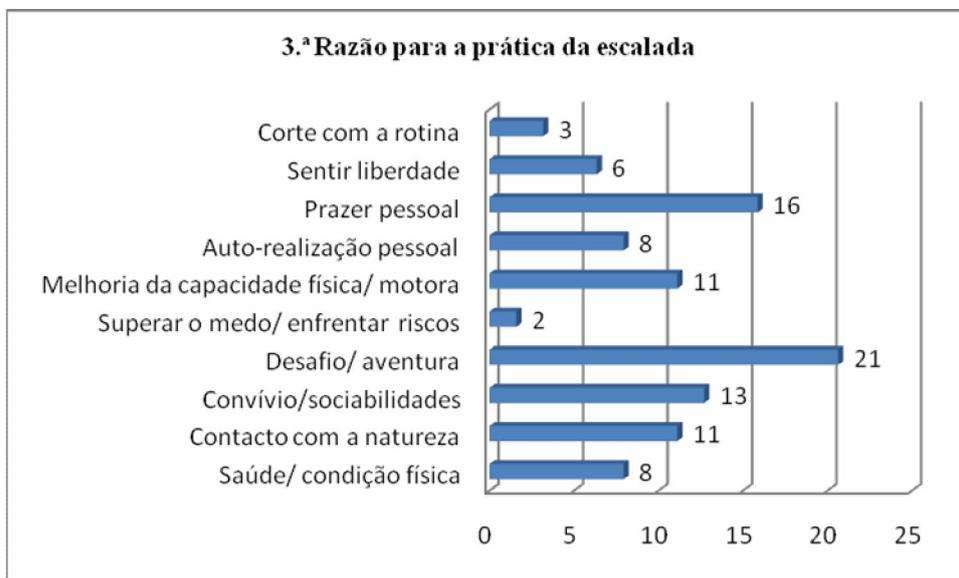
Gráfico 11



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Na 3.^a razão mais apontada pelos nossos inquiridos para a prática da Escalada continua a encontrar-se o desafio/aventura (21%), seguido do prazer pessoal (16%), conforme Gráfico 12.

Gráfico 12



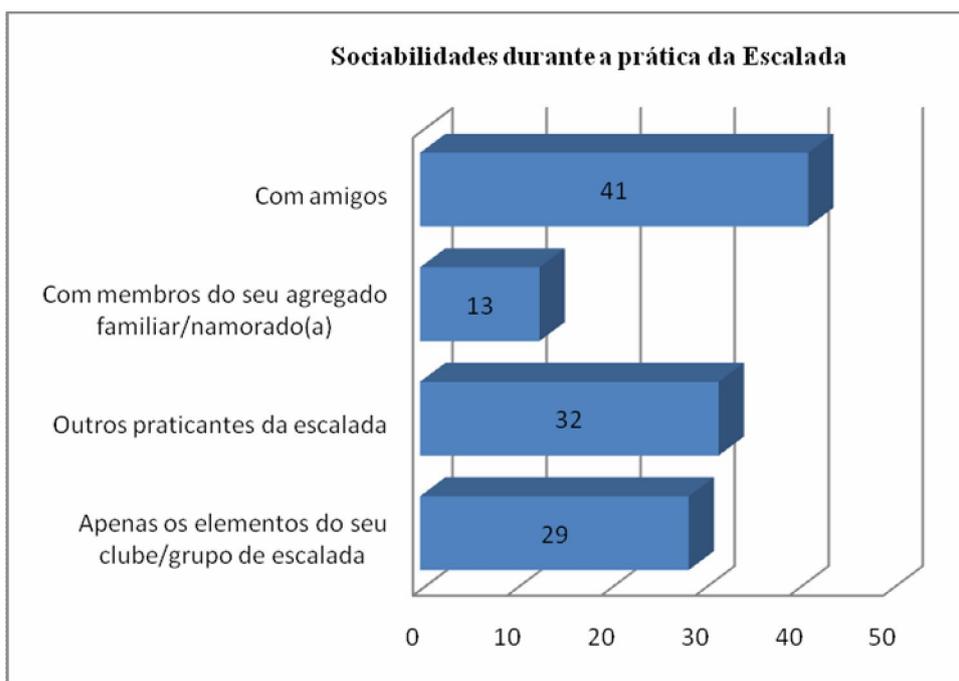
Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Como vemos, independentemente de se tratar da 1.^a, 2.^a ou 3.^a escolha, o Desafio/Aventura recolhe 64% das razões para a prática da escalada, seguida do Convívio/sociabilidades (56%), do Prazer pessoal (52%) e do Contacto com a Natureza (46%) também referido por vários autores (Pires, 1994; Neto, 1995; Bertrán, 1995; Marivoet, 2002), resultados que apontam para a identificação dos praticantes com um estilo de vida.

III.2.2. Sociabilidades na Prática da Escalada

Conforme se pode ver no Gráfico 13, 41% dos praticantes da escalada nossos inquiridos afirmam que se deslocam com amigos, e 32% com vários praticantes da Escalada, sendo que 29% apenas com os do núcleo. Os dados apontam para que a prática da escalada constituiu um espaço com grandes potencialidades de sociabilidade entre praticantes e amigos, sugerindo a proximidade de gostos e formas de vida, por isso de um estilo de vida (Neto, 1995; Marivoet, 2002; Lança, 2003).

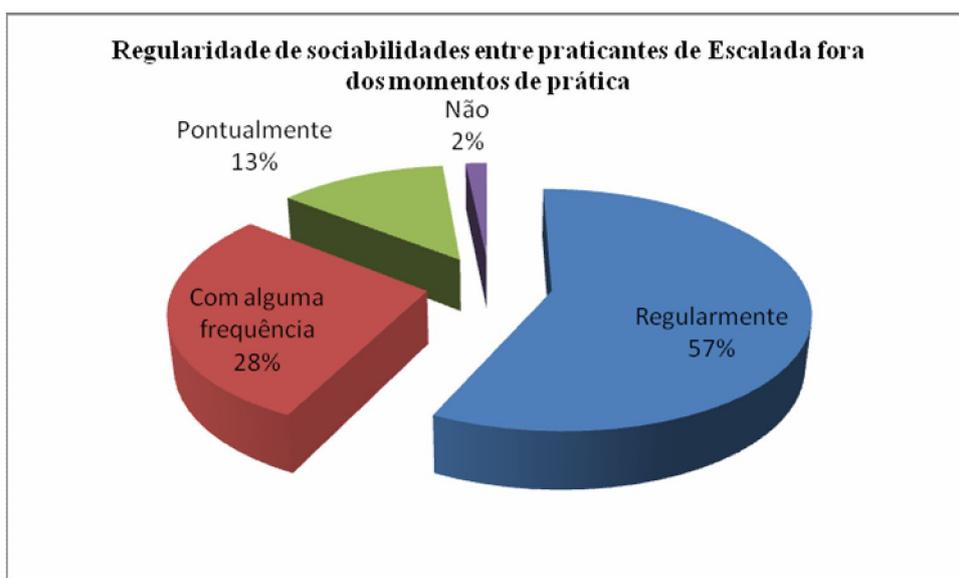
Gráfico 13



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Também o facto da maioria dos nossos inquiridos referir que se encontram com regularidade fora dos momentos de prática (57%), e com alguma frequência 28%, conforme nos dá conta o Gráfico 14, vem reforçar a proximidade entre os praticantes, sugerindo que estes reúnem identidades de gostos ou estilo de vida.

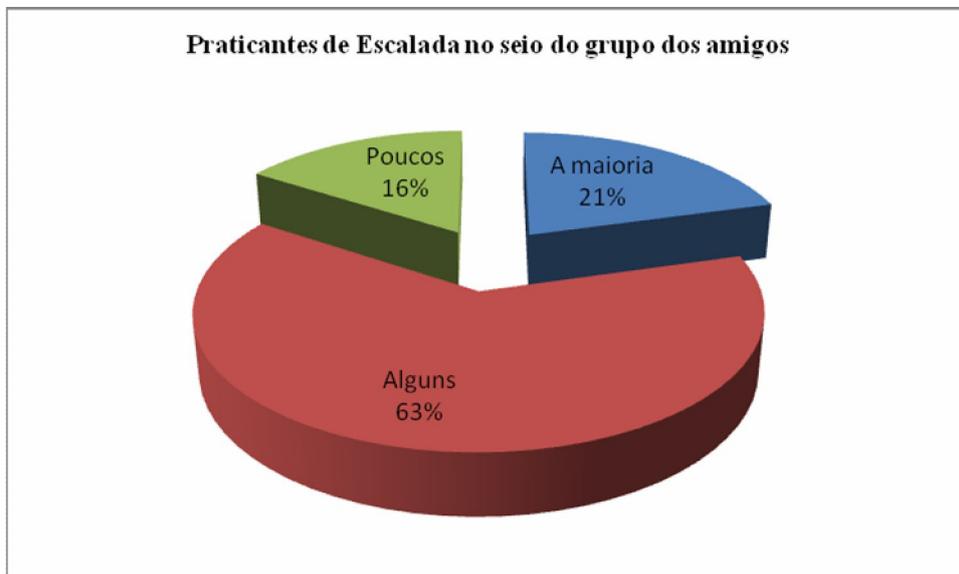
Gráfico 14



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Já no que se refere aos amigos, apenas 21% refere serem ‘A Maioria’ praticantes da Escalada, enquanto a maioria refere apenas ‘Alguns’ (63%), sendo que apenas 16% referem serem poucos os seus amigos praticantes da modalidade (v. Gráfico 15).

Gráfico 15



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Como veremos mais adiante, 14% dos inquiridos são praticante há menos de 1 ano, e 44% entre 1 e 3 anos (cf. Gráfico 17), facto que revela que mesmo assim, se encontra uma estreita ligação dos praticantes da Escalada no ciclo de amigos dos nossos inquiridos, tanto mais que como acabámos de referir, 57% afirmaram encontrar-se regularmente fora dos momentos da prática (cf. Gráfico 14)

II.2.3. Síntese Conclusiva

Tínhamos formulado como segunda hipótese, a aprofundar neste ponto, que a Escalada em meio natural fornece um sentido de liberdade, de corte com a rotina da vida quotidiana, de movimento, sociabilidade no espaço de lazer enquanto estilo da vida. Com base nos resultados do nosso inquérito sociográfico, podemos concluir que a Escalada é para os praticantes entendida como um desafio e aventura que lhes proporciona convívio ou sociabilidades, dando-lhe grande prazer pessoal a sua prática em contacto com a natureza, tal como a maioria dos autores que temos abordado têm igualmente concluído.

Também, podemos observar, que os nossos inquiridos interagem socialmente uns com os outros durante os momentos da prática, nas deslocações assim como fora

desses momentos, o que nos leva a concluir que existe uma identificação social entre eles sugerindo tratar-se de um estilo de vida partilhado tal como vários autores também concluído (Neto, 1995; Marivoet, 2002; Lança, 2003).

Deste modo, podemos concluir, que a Escalada constitui um desafio e aventura para os seus praticantes, promovendo grandes sociabilidades entre estes num espaço de lazer de enorme prazer em meio natural enquanto estilo da vida.

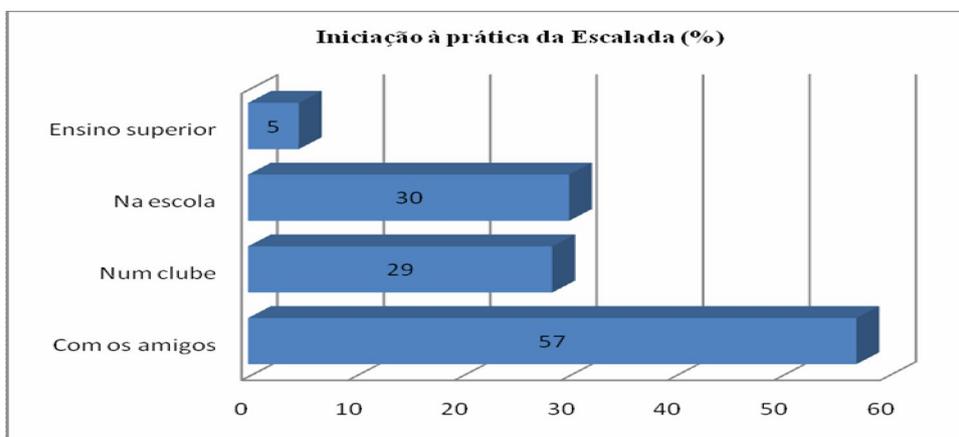
III.3. CARACTERÍSTICAS DA PROCURA DA ESCALADA

A nossa terceira hipótese pressupunha que, a Escalada é mais procurada pelos indivíduos do sexo masculino, jovens e inseridos em grupos sociais com maiores recursos, envolvendo investimentos financeiros e conhecimentos técnicos. Para podermos aprofundar esta primeira hipótese segundo a metodologia definida anteriormente iremos analisar a iniciação e formação dos nossos inquiridos na prática da Escalada, o seu perfil, quais os usos e costumes nas deslocações e encargos financeiros com a modalidade.

III.3.1. Iniciação e Formação

Tal como concluídos no ponto anterior, a sociabilidade e proximidade dos praticantes da escalada no grupo de amigos é reforçada quando verificamos que a maioria (57%) se iniciou na modalidade através dos amigos, sendo que 30% na escola, e 29% no clube e apenas 5% no ensino superior (v. Gráfico 16).

Gráfico 16

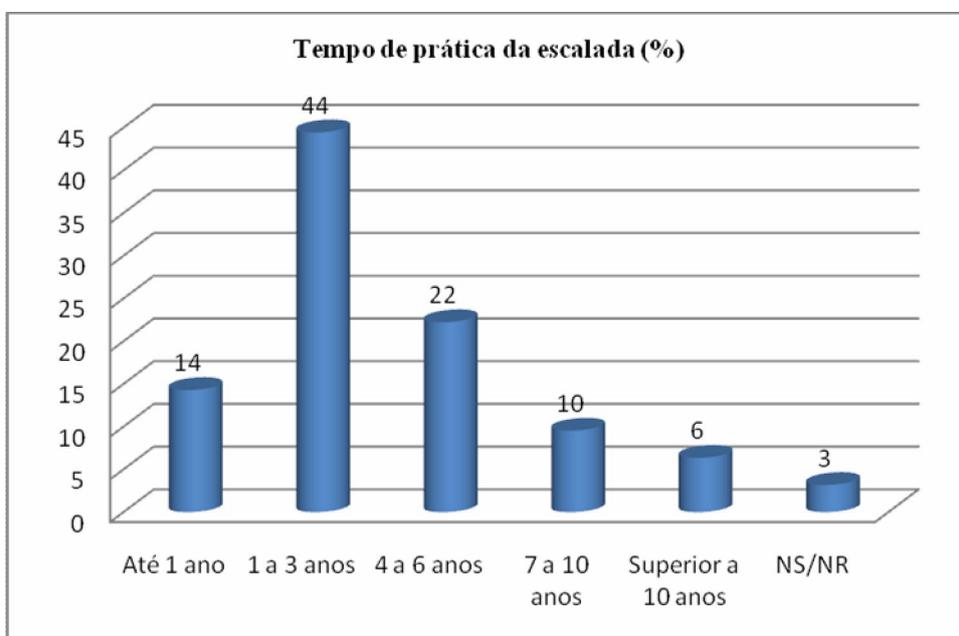


Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Segundo nos afirmaram os praticantes da nossa amostra, a maioria não tem um curso creditado na Escalada (60%), sendo que os restantes 40% afirmaram ter (cf. Quadro 43, no Anexo 3).

Também, como acima referimos, a maioria dos nossos inquiridos é praticante recente, 14% há menos de 1 ano e 44% entre 1 e 3 anos (v. Quadro 17), por isso estamos perante um universo de análise de praticantes que ainda não têm muita experiência na modalidade. Talvez por isso, a maioria nos tenha referido que não tem nenhum curso acreditado. Estes resultados reforçam a necessidade de formação na área tal como refere Gustavo Pires (1995).

Gráfico 17



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

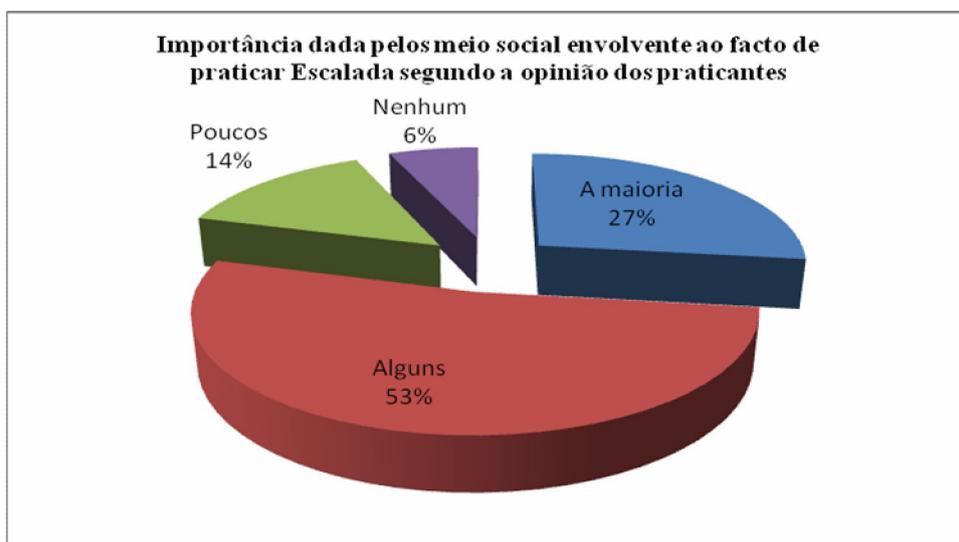
III.3.2. Perfil dos Praticantes da Escalada e Meio Social Envolve

Tal como referimos na caracterização da amostra, no ponto II.3.2. do Capítulo II (Metodologia), a maioria da nossa amostra é do sexo masculino, 70% (cf. Gráfico 1). Também Marivoet (2005) refere que o desporto é ainda um espaço marcadamente masculino. Vimos também, que a maioria dos nossos inquiridos é jovem, 28% com menos de 20 anos e 48% entre 20 e 30 anos (cf. Gráfico 2). Vários autores referem que os desportos de aventura são praticados por jovens, dado veicularam as novas necessidade sociais (Bento, 1990; Gomes, 2005)

Relativamente ao grupo social, a maioria insere-se no EQS (43%; cf. Gráfico 4), por isso, o grupo com maiores recursos tal como é referido por vários autores (Esteves, 1999; Marivoet, 2002).

No que respeita à importância dada pelos outros (familiares, amigos ou conhecidos) ao facto de praticarem Escalada, apenas 27% afirmou que a ‘Maioria’ das pessoas à sua volta dá importância, e 53% afirmou ‘Alguns’, sendo que 14% referiu ‘Poucos’ e 6% ‘Nenhum’, conforme Gráfico 18. Deste modo, ainda que não haja uma total concordância de que a maioria das pessoas próximas dos nossos inquiridos dêem importância ao facto destes serem praticantes da Escalada, parece ser um facto, que a maioria sente que alguém do seu ciclo próximo valoriza o facto de ser praticante da Escalada.

Gráfico 18

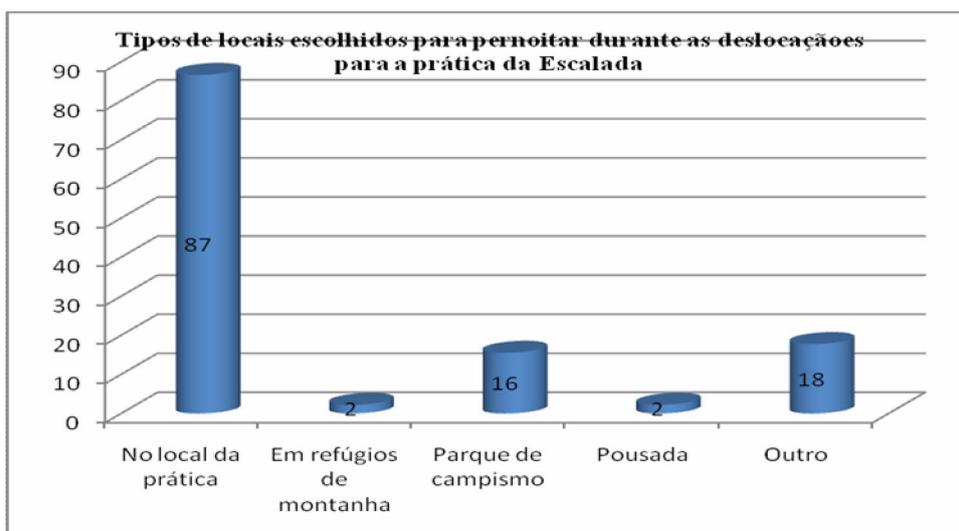


Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

III.3.3. Deslocações e Estadias para a Prática da Escalada

A maioria dos praticantes da escalada inquiridos disseram-nos que se deslocavam com estadia fora (70%), sendo que apenas 33% afirmaram o contrário (v. Quadro 37, no Anexo 3). No entanto a maioria escolhe como local para pernoitar o próprio local da prática (87%), o que sugere o gosto pela Natureza e não tanto a procura do prestígio de uma infra-estrutura hoteleira, conforme se pode ver no Gráfico 19. Também Neto (1995) refere que os praticantes de desportos de aventura apresentam uma grande informalidade e gosto no contacto com a natureza.

Gráfico 19

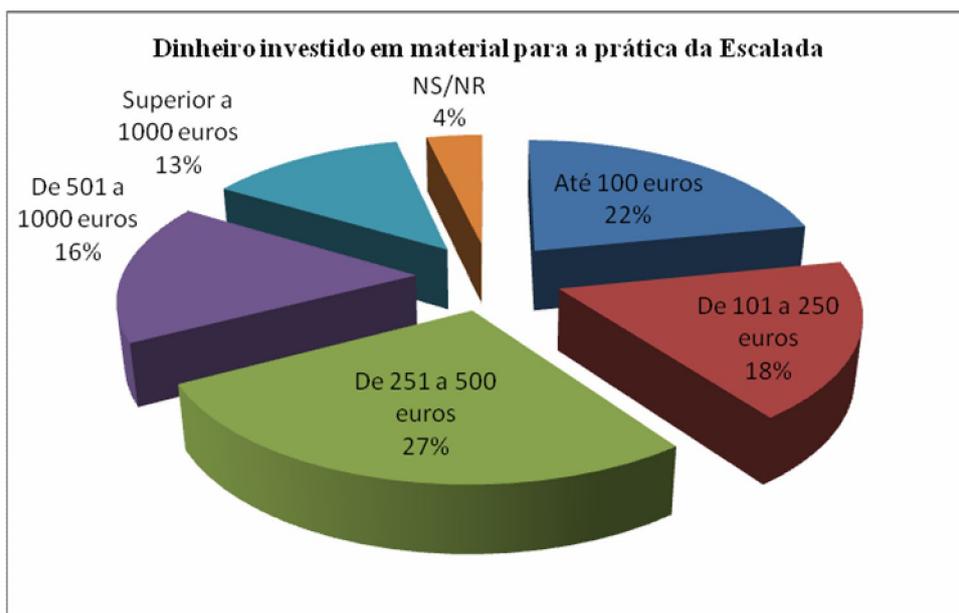


Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

III.3.4. Encargos Financeiro na Prática da Escalada

A maioria dos praticantes da Escalada da nossa amostra afirmou ter adquirido material para a prática da modalidade (87%; cf. Quadro 39, no Anexo 3). Nos investimentos financeiros em material, 27% afirmaram ter despendido entre 251 a 500 euros, 22% até 100 euros, 18% entre 101 e 250 euros, 16% de 501 a 1000 euros e 13% superior a 1000 euros (v. Gráfico 20).

Gráfico 20

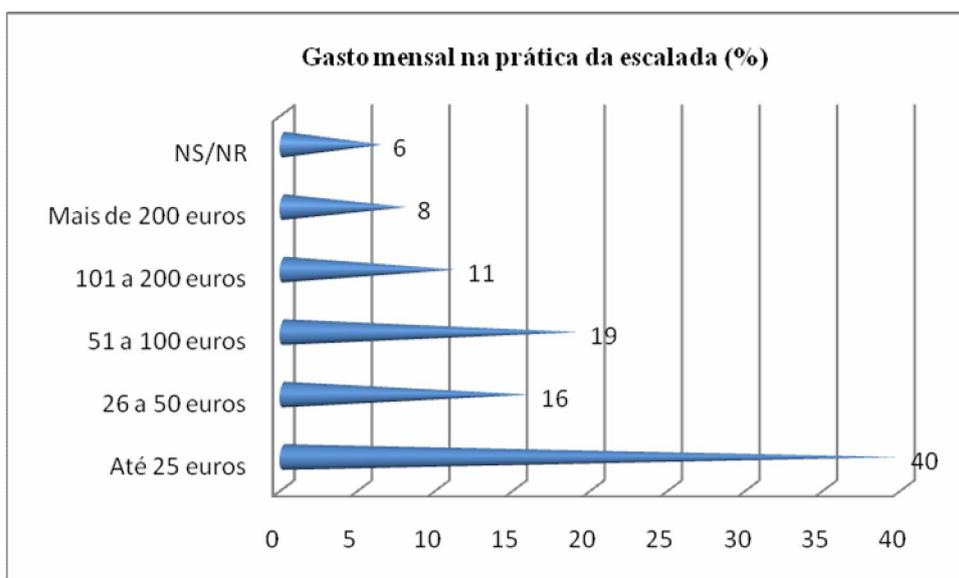


Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

Como se pode concluir, os praticantes da nossa amostra, de uma maneira geral investiram em material sendo que 29% com valores acima dos 1000 euros, o que vem confirmar que se trata de uma modalidade que envolve investimentos financeiros, e por isso mais procurada por indivíduos pertencentes a grupos sociais com maiores recursos, tal como já referimos (Bertrán, 1995; Esteves, 1999; Marivoet, 2002). Talvez o facto, dos montantes investidos serem elevado apenas para cerca de um terço dos praticante se fique a dever ao facto de que, como já referimos, o universo da nossa amostra é constituído por uma maioria de praticantes recentes.

Já quanto à mensalidade despendida na prática da modalidade, tal como se poderá ver no Gráfico 20, 40% refere 25 euros, 19% entre 51 e 100 euros, e 16% de 26 a 50 euros. Será de salientar que, ainda que para uma percentagem reduzida (19%), a mensalidade ascende acima dos 101 euros, sendo que 8% mais de 200 euros.

Gráfico 21



Fonte: Inquérito aos Hábitos de Praticantes da Escalada, 2008

III.3.5. Síntese Conclusiva

Tínhamos definido como terceira hipótese que, a Escalada é mais procurada pelos indivíduos do sexo masculino, jovens e inseridos em grupos sociais com maiores recursos, envolvendo investimentos financeiros e conhecimentos técnicos.

Os dados levam-nos a concluir que, pelo menos no universo da nossa amostra, Escalada é uma modalidade procurada essencialmente por jovens do sexo masculino,

inseridos em grupos sociais de maiores recursos, tal como sugeria a nossa hipótese e vários autores assinalaram (Esteves, 1999; Marivoet, 2002, 2005; Gomes, 2005).

Os dados revelaram ainda que a prática da escalada envolve investimentos financeiros, não só com a aquisição de material como vimos, assim como com as mensalidades, o que vai também ao encontro da nossa terceira hipótese no que se refere aos investimentos financeiros, e talvez por isso seja uma modalidade procurada por indivíduos pertencentes a grupos sociais com mais recursos como acabámos de referir. Já no que diz respeito aos conhecimentos técnicos verificámos que a maioria não possui um curso creditado. O facto de a maioria dos praticantes da nossa amostra ter iniciado a prática entre 1 e 3 anos, poderá explicar este facto, por isso a nossa amostra não ser muito válida para tirar uma conclusão válida acerca da necessidade da escalada ser uma modalidade que exige conhecimentos técnicos. Será pois admitir que os conhecimentos tenham sido adquiridos através da experiência e da troca de informações uns com os outros, já que, de facto, é necessário algum conhecimento técnico para a prática da escalada.

Deste modo, podemos concluir que, a Escalada é mais procurada pelos indivíduos do sexo masculino, jovens e inseridos em grupos sociais com maiores recursos, envolvendo investimentos financeiros e conhecimentos técnicos ainda que informais.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

As novas tendências motivacionais das práticas desportivas prendem-se principalmente com o gosto pela natureza e pela atracção pelas actividades de risco.

A prática de actividades físicas permite a satisfação de um conjunto de necessidades sociais, sendo as actividades que possuem um maior grau de incerteza e aventura, as que melhor servem de veículo a esta satisfação, e que melhor impõem um corte à rotina e à monotonia da vida quotidiana.

As novas gerações são portadoras de novos valores e hábitos desportivos, apresentando valores de prática desportiva superiores aos das gerações mais velhas, procuram práticas diferentes, valorizando o confronto com o espaço natural, a atracção por actividades com elevado grau de imprevisibilidade e risco, e o convívio e o espírito de grupo nas actividades. Esta realidade, suscitou o nosso interesse em saber em que medida a Escalada é distintiva de um estilo de vida.

Com base na revisão da bibliografia recolhemos o contributo de vários autores (cf. Capítulo 1), que nos permitiu definir o objecto de estudo que pretende saber se os praticantes da Escalada apresentam um perfil social específico que valoriza o gosto pela aventura, a prática desportiva em meio natural como actividade de lazer, implicando recursos e apresentando um meio de corte com a rotina quotidiana.

No sentido de aprofundarmos o nosso objecto de estudo, formulámos como hipóteses de estudo, que a Escalada seria procurada pelos praticantes como uma actividade de risco que permite a superação do medo, de reforço da auto-realização e do prazer; independentemente do perfil dos praticantes (hipótese 1); que a Escalada em meio natural fornece um sentido de liberdade, de corte com a rotina da vida quotidiana, de movimento, sociabilidade no espaço de lazer enquanto estilo da vida (hipótese2); e por fim, que a Escalada seria mais procurada pelos indivíduos do sexo masculino, jovens e inseridos em grupos sociais com maiores recursos, envolvendo investimentos financeiros e conhecimentos técnicos (hipótese 3).

Como base na análise e discussão dos resultados podemos reformular o nosso objecto de estudo e respectivas hipóteses de leitura da realidade. Assim, podemos concluir que os praticantes da Escalada da nossa amostra apresentam um perfil social específico, em particular são jovens, solteiros, homens, sendo pertencentes a grupos sociais com maiores níveis de capital, e investem recursos financeiros na sua prática. Os escaladores valorizam o gosto pela aventura no meio natural, como actividade de lazer que lhes proporciona elevado prazer, embora o convívio ou sociabilidade entre os

praticantes seja o mais importante para o envolvimento na actividade, sugerindo tratar-se da identificação com um estilo da vida. Através da prática da Escalada os praticantes da nossa amostra afirmaram ainda retirar valências pessoais, tais como a capacidade de superar e encarar situações na vida real, independentemente do género, idade e grupo social, ainda que com algumas diferenças.

Tratando-se de um tema pouco estudado e ao mesmo tempo sugerir que a escalada tem vindo a ser cada vez mais procurada, consideramos que a nossa investigação é apenas um pequeno contributo com necessidade de ser mais desenvolvido o tema. Neste sentido aumentar a amostra seria desejável, diversificando-se os estudos, tanto mais que a maioria dos nossos inquiridos têm ainda pouca experiência na prática da modalidade. Seria também importante que se diversificassem as técnicas de recolha de informação, nomeadamente a utilização de entrevistas de modo a captar-se melhor as opiniões pessoais sem interferência da direcção que as questões fechadas de questionários induzem.

BIBLIOGRAFIA

- Bertrán, J. O. (1995). "Las actividades físicas de aventura en la natureza: análise sociocultural". *Apunts: Educación Física e Desportes*, 4 (dossier), 5-8.
- Constantino, J. (1993). "O Cidadão e o desporto. Novas tendências do desporto actual". *Revista Horizonte*. Vol. DC, nº54 (pp. 205 - 210).
- Elias, N. e Dunning, E. (1992). *A Busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- Esteves, J. (1999). *O Desporto e as Estruturas Sociais*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Gomes, R. (2005b). "O corpo como lugar de lazer", in R. Gomes (org.) *Os Lugares do Lazer*. Lisboa: IDP (pp. 105 - 121).
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992). *O inquérito. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Ediyora.
- Lança, R. (2003). *Animação Desportiva e Tempos Livres - Perspectivas de Organização*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Lipovetsky, G. (1994). *O Crepúsculo do Dever. A Ética Indolor dos Novos Tempos Democráticos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Lopes, V. (1989). "O Desporto na sociedade actual". *Revista horizonte*. Vol. VI, nº34 (pp. 137-142).
- Marivoet, S. (1998). "Tempos e espaços de realização humana no contexto das novas necessidades sociais". *Revista Horizonte*. Vol. XTV, nº81 (pp. 8 -11).
- Marivoet, S. (2001). *Hábitos Desportivos da População Portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Marivoet, S. (2002). *Aspectos Sociológicos do Desporto (2)*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Marivoet, S. (2005). "Práticas Desportivas nos estilos de vida dos Europeus: obstáculos e tendências", in R. Gomes (org.) Os Lugares do Lazer. Lisboa: IDP (pp. 39-51).
- Neto, C. (1995). Desportos radicais ou a radicalização do desporto? Rev. Horizonte; XII, 69, 83-85.
- Pires, G. (1994). "A Aventura Desportiva: o Desporto para o m Milénio", in Actas do Congresso Mundial de Lazer. Lisboa: Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. (193 - 215).
- Pires, G. (1995), "Mudança social e gestão do desporto", Revista Ludens, vol. XV, n.º4, Outubro-Dezembro: 27-63.
- Quivy, R., & Campeonhoudt, L. v. (2003). Manual de investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva
- Santos, N. (2005), "Lazer, Espaço e Lugares", in R. Gomes (org.), Os Lugares do Lazer. Lisboa: IDP, (pp. 122-143).

ANEXOS

ANEXO 1

INQUÉRITO SOCIOGRÁFICO



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

INQUÉRITO AOS HÁBITOS DE PRATICANTES DA ESCALADA

Bom dia/ Boa tarde! O presente questionário insere-se no âmbito de uma investigação do Seminário de Sociologia do Desporto sobre a prática da escalada, elaborada com vista à finalização da licenciatura em Ciências do Desporto Educação Física.

Agradeço desde já a sua colaboração, indispensável para a realização deste estudo. De realçar que as informações fornecidas são confidenciais e servem apenas ao propósito deste estudo. Muito obrigado pelo tempo disponibilizado.

Nota: Por favor, assinale com uma cruz (x) no correspondente, ou responda por extenso, sempre que assim seja necessário. Não preencha os espaços que se seguem à palavra “Código”.

I. PRÁTICA DA ESCALADA

1. Em que contexto teve a sua iniciação à prática da escalada:

- 1 Com os amigos
2 Num clube
3 Na escola (básica ou secundária)
4 Ensino superior. Qual o curso? _____ Código _____

2. Tem algum curso creditado na área da escalada?

- 1 Sim 2 Não

3. Das razões abaixo indicadas para a prática da escalada, podia indicar-nos por favor, quais as 3 principais?

(Nota: Escolha apenas uma razão em cada coluna)

	1. ^a Razão	2. ^a Razão	3. ^a Razão
Saúde/ condição física	<input type="checkbox"/> 11	<input type="checkbox"/> 21	<input type="checkbox"/> 31
Contacto com a natureza	<input type="checkbox"/> 12	<input type="checkbox"/> 22	<input type="checkbox"/> 32
Convívio/ sociabilidades	<input type="checkbox"/> 13	<input type="checkbox"/> 23	<input type="checkbox"/> 33
Desafio/ aventura	<input type="checkbox"/> 14	<input type="checkbox"/> 24	<input type="checkbox"/> 34
Superar o medo/ enfrentar riscos	<input type="checkbox"/> 15	<input type="checkbox"/> 25	<input type="checkbox"/> 35
Melhoria da capacidade física/motora	<input type="checkbox"/> 16	<input type="checkbox"/> 26	<input type="checkbox"/> 36
Auto-realização pessoal	<input type="checkbox"/> 17	<input type="checkbox"/> 27	<input type="checkbox"/> 37
Prazer pessoal	<input type="checkbox"/> 18	<input type="checkbox"/> 28	<input type="checkbox"/> 38
Sentir liberdade	<input type="checkbox"/> 19	<input type="checkbox"/> 29	<input type="checkbox"/> 39
Corte com a rotina	<input type="checkbox"/> 110	<input type="checkbox"/> 210	<input type="checkbox"/> 310
Outras razões. Qual (ais)?	_____ Código _____	_____ Código _____	_____ Código _____

4. Há quantos anos pratica a escalada? _____anos

5. Tem algum material próprio de escalada:

- 1 Sim 2 Não (Passe à questão 7)

6. Se **Sim**, quanto despendeu em média na aquisição desse material? _____€

7. Nas suas deslocações para a prática da escalada costuma ir com:

- 1 Apenas os elementos do seu clube/grupo de escalada
2 Outros praticantes da escalada
3 Com membros do seu agregado familiar/namorado(a)
4 Com amigos

8. As suas deslocações costumam implicar estadias?

- 1 Sim 2 Não (Passe à questão 10)

9. Se **Sim**, onde costuma pernoitar:

- 1 No local da prática
2 Em refúgios de montanha
3 Parque de campismo
4 Pousada
5 Hotel
6 Outro. Qual (ais)? _____ Código (s) _____

10. Em média quanto despende mensalmente para a prática da escalada.

- 1 Até 25 €
2 26 a 50 €
3 51 a 100 €
4 101 a 200 €
5 Mais de 200 €

II. VALORIZAÇÃO DA ACTIVIDADE

11. De que modo a escalada é uma actividade importante para si?

(Caso necessite poderá utilizar o verso da última página do formulário para terminar a sua resposta)

12. Relativamente à forma como lida com a insegurança ou o medo advindo dos riscos da vida, considera que a prática da escalada lhe tem proporcionado:

- 1 Maior capacidade de superação
2 Maior capacidade de encarar as situações
3 Sem influência directa

13. Costuma conviver com os elementos do seu clube/grupo de escalada fora dos momentos da prática da actividade:

- 1 Regularmente
- 2 Com alguma frequência
- 3 Pontualmente
- 4 Não

14. Os seus amigos são praticantes de escalada:

- 1 A maioria
- 2 Alguns
- 3 Poucos
- 4 Nenhum

15. Considera que os seus familiares, amigos ou conhecidos dão importância ao facto de ser praticante da escalada?

- 1 A maioria
- 2 Alguns
- 3 Poucos
- 4 Nenhum

III. IDENTIFICAÇÃO

16. Género: 1 Masculino 2 Feminino

17. Idade:

- 1 Menos de 20 anos
- 2 20-30 anos
- 3 31- 40 anos
- 4 41- 60 anos
- 5 Mais de 61 anos

18. Estado civil:

- 1 Solteiro(a)
- 2 Casado(a)
- 3 União de facto(a)
- 4 Divorciado(a)
- 5 Outro

19. Neste momento, qual destas é a sua actividade principal?

- 1 Exerce uma actividade remunerada
- 2 Estudante (**passa à questão 21**)
- 3 Doméstico(a) (**passa à questão 21**)
- 4 Desempregado(a) (**passa à questão 22**)
- 5 Reformado(a) (**passa à questão 23**)

20. Qual a sua profissão? _____ **(Passe à questão 24)**
Código _____

21. Qual a profissão do elemento que mais contribui para o rendimento global do seu agregado? _____ **(Passe à questão 24)**
Código _____

22. Antes de ficar desempregado, o Sr./ a Sra. era quem mais contribuía para o rendimento global do seu agregado?

Sim 1 Qual foi a sua última profissão? _____ **(Passe à questão 24)**
Código _____

Não 2 Qual a profissão do elemento que mais contribui ou contribuía para o rendimento global do seu agregado? _____ **(Passe à questão 24)**
Código _____

23. Antes de se reformar, Sr./ a Sr. era quem mais contribuía para o rendimento global do seu agregado?

Sim 1 Qual foi a sua última profissão? _____ **(Passe à questão 24)**
Código _____

Não 2 Qual a profissão do elemento que mais contribui ou contribuía para o rendimento global do seu agregado? _____ **(Passe à questão 24)**
Código _____

24. A profissão que acaba de referir é/foi desenvolvida:

- 1 Por conta própria **(passe à questão 26)**
- 2 Por conta de outrem

25. Desempenhando algum cargo de chefia?

- 1 Sim
- 2 Não **(passe à questão 28)**

26. Como:

- 1 Profissional em nome individual **(passe à questão 28)**
- 2 Com empregados o cargo

27. Quantos empregados tem/tinha a seu cargo?

- 1 Até 5 trabalhadores
- 2 6 ou mais trabalhadores

28. Quais as suas habilitações literárias:

- 1 Básico
- 2 Secundário
- 3 Frequenta o ensino superior
- 4 Bacharelato
- 5 Licenciatura
- 6 Pós-Graduação

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO.

ANEXO 2
GRELHAS DE CODIFICAÇÃO

2. GRELHAS DE CODIFICAÇÃO

Grelha da P4

- 1 Até 1 ano
- 2 1 a 3 anos
- 3 4 a 6 anos
- 4 7 a 10 anos
- 5 Superior a 10 anos
- 6 NS/NR

Grelha da P6

- 1 Até 100
- 2 De 101 a 250
- 3 251 a 500
- 4 501 a 1000
- 5 Superior a 1000
- 6 NS/NR

Grelha da P11

- 1 Desenvolvimento de capacidades mentais / auto-realização
- 2 Melhoria da capacidade física/motora
- 3 Quebra da rotina
- 4 Anti stress/ Descontracção/ Equilíbrio
- 5 Auto-controlo
- 6 Contacto com a natureza
- 7 Desafio/ aventura
- 8 Sentir liberdade
- 9 Prazer
- 10 Convívio
- 11 Hobby
- 12 Estilo de vida
- 13 Competição
- 14 NS/NR

Grelha da P20-4

- 01 Patrões, Proprietários
(Agricultura, Comércio, Indústria, Serviço)
- 02 Directores de Nível Superior
(Desempenho de cargos de direcção)
- 03 Profissões Liberais e Similares
(Todas as profissões que requerem uma licenciatura)
- 04 Chefes Intermédios
(Ocupação de cargos de chefia nos serviços ou indústrias)
- 05 Trabalhadores com uma Formação Específica
(Trabalhadores qualificados na área dos serviços)
- 06 Empregados de Escritório, Comércio, Segurança
(Sem uma qualificação profissional específica)
- 07 Trabalhadores Manuais e Similares
(Profissionais da indústria)
- 08 Trabalhadores Agrícolas
- 09 Pescadores

ANEXO 3

QUADROS DE APURAMENTO

3. QUADROS DE APURAMENTO

Quadro 1 - P16 * P17 Crosstabulation

Count		P17				Total
		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	
P16	Masculino	9	22	12	1	44
	Feminino	9	8	2	0	19
	Total	18	30	14	1	63

Quadro 2 - P16 * P18 Crosstabulation

Count		P18					Total
		Solteiro(a)	Casado(a)	União de Facto	Divorciado(a)	Outro	
P16	Masculino	37	5	1	1	0	44
	Feminino	17	1	0	0	1	19
	Total	54	6	1	1	1	63

Quadro 3 - P16 * P20 Crosstabulation

Count		P20				Total
		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	
P16	Masculino	19	18	6	1	44
	Feminino	8	6	4	1	19
	Total	27	24	10	2	63

Quadro 4 - P20 * P28 Crosstabulation

Count		P28					Total	
		Básico	Secundário	Frequente o ensino superior	Bacharelato	Licenciatura		Póa-Graduação
P20	EQS	2	0	5	0	13	5	25
	SEE	3	13	5	1	0	1	23
	PIAP	6	3	1	0	0	0	10
	NS/NR	1	0	1	0	0	0	2
	Total	12	16	12	1	13	6	60

Quadro 5 - P20 * P25 Crosstabulation

Count		P25			Total
		Sim	Não	NS/NR	
P20	EQS	6	13	8	27
	SEE	6	10	8	24
	PIAP	1	8	1	10
	NS/NR	0	1	1	2
	Total	13	32	18	63

Quadro 6 - P19 * P20 Crosstabulation

Count		P20				Total
		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	EQS
P19	Exerce uma actividade remunerada	18	11	4	0	33
	Estudante	9	12	6	2	29
	Desempregado(a)	0	1	0	0	1
Total		27	24	10	2	63

Quadro 7 - \$P11*VAR160 Crosstabulation

	P16		Total
	Masculino	Feminino	
D. cap. mentais/auto-realização	9	5	14
Melhoria cap. física/motora	9	5	14
Quebra da rotina	6	4	10
Anti stress/Descontração/Equilíbrio	4	3	7
Auto-controlo	1	0	1
Contacto coma a natureza	14	3	17
Desafio/ aventura	6	6	12
Sentir liberdade	3	2	5
Prazer	4	1	5
Convívio	16	8	24
Hobby	7	0	7
Estilo de vida	9	3	12
Competição	1	0	1
NS/NR	2	1	3
Total	44	19	63

Percentages and totals are based on respondents.

Quadro 8 - \$P12*VAR160 Crosstabulation

	Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total
Maior capacidade de superação	14	15	5	0	34
Maior capacidade de encarar as situações	3	14	7	0	24
Sem influência directa	1	4	3	1	9
	18	30	14	1	63

Quadro 9 - \$P11*VAR170 Crosstabulation

	Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total
Desenvolvimento da capacidade mental/auto-realização	0	9	4	1	14
Melhoria cap. física/motora	4	5	5	0	14
Quebra da rotina	1	8	1	0	10
Anti-stress/Descontração/Equilíbrio	2	3	1	1	7
Auto-controlo	0	0	1	0	1
Contacto coma a natureza	5	8	4	0	17
Desafio/ aventura	6	6	0	0	12
Sentir liberdade	3	1	1	0	5
Prazer	1	3	1	0	5
Convivio	10	7	7	0	24
Hobby	2	1	4	0	7
Estilo de vida	0	8	3	1	12
Competição	1	0	0	0	1
NS/NR	0	1	2	0	3
Total	18	30	14	1	63

Percentages and totals are based on respondents.

Quadro 10 - \$P12*VAR170 Crosstabulation

		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	Total	
Capacidade	Maior capacidade de superação			5	34	
	Maior capacidade de encarar as situações	Count	3	14	7	24
	Total	Count	17	26	11	54

Percentages and totals are based on respondents.

Quadro 11 - \$P11*VAR200 Crosstabulation

	EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total
Desenvolvimento da capacidade mental/auto-realização	11	1	2	0	14
Melhoria cap. física/motora	9	3	1	1	14
Quebra da rotina	2	7	1	0	10
Anti-stress/Descontração/Equilíbrio	4	3	0	0	7
Auto-controlo	1	0	0	0	1
Contacto coma a natureza	7	8	1	1	17
Desafio/ aventura	5	4	3	0	12
Sentir liberdade	2	2	1	0	5
Prazer	1	2	2	0	5
Convívio	10	10	3	1	24
Hobby	3	3	0	1	7
Estilo de vida	5	5	2	0	12
Competição	0	0	1	0	1
NS/NR	2	1	0	0	3
Total	27	24	10	2	63

Percentages and totals are based on respondents.

Quadro 12 - \$P12*VAR200 Crosstabulation

	EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total
Maior capacidade de superação	11	14	17	2	34
Maior capacidade de encarar as situações	16	7	1	0	24
Sem influência	3	4	2	0	9
Total	24	20	8	2	54

Quadro 13 - P3.1 * P16 Crosstabulation

Count		Masculino	Feminino	Total
P3.1	Saúde/ condição física	3	1	4
	Contacto com a natureza	4	4	8
	Convívio/sociabilidades	13	2	15
	Desafio/ aventura	5	7	12
	Superar o medo/ enfrentar riscos	1	0	1
	Auto-realização pessoal	7	0	7
	Prazer pessoal	11	5	16
	Total	44	19	63

Quadro 14 - P3.2 * P16 Crosstabulation

Count		Masculino	Feminino	Total
P3.2	Saúde/ condição física	5	1	6
	Contacto com a natureza	11	3	14
	Convívio/sociabilidades	5	7	12
	Desafio/ aventura	14	1	15
	Superar o medo/ enfrentar riscos	1	3	4
	Melhoria da capacidade física/ motora	2	0	2
	Auto-realização pessoal	2	1	3
	Prazer pessoal	4	3	7
	Total	44	19	63

Quadro 15 - P3.3 * P16 Crosstabulation

Count		Masculino	Feminino	Total
P3.3	Saúde/ condição física	5	0	5
	Contacto com a natureza	4	3	7
	Convívio/sociabilidades	4	4	8
	Desafio/ aventura	11	2	13
	Superar o medo/ enfrentar riscos	1	0	1
	Melhoria da capacidade física/ motora	5	2	7
	Auto-realização pessoal	5	0	5
	Prazer pessoal	5	5	10
	Sentir liberdade	2	2	4
	Corte com a rotina	1	1	2
	Total	43	19	62

Quadro 16 - P4 * P16 Crosstabulation

Count		Masculino	Feminino	Total
P4	Até 1 ano	3	6	9
	1 a 3 anos	19	9	28
	4 a 6 anos	12	2	14
	7 a 10 anos	6	0	6
	Superior a 10 anos	4	0	4
	NS/NR	0	2	2
	Total	44	19	63

Quadro 17 - \$P7*VAR160 Crosstabulation

		Masculino	Feminino	Total
	Apenas os elementos do seu clube/grupo de escalada	9	9	18
	Outros praticantes da escalada	15	5	20
	Com membros do seu agregado familiar/namorado(a)	6	2	8
	4	20	6	26
	Total	44	19	63

Percentages and totals are based on respondents.

Quadro 18 - P13 * P16 Crosstabulation

Count		Masculino	Feminino	Total
P13	Regularmente	26	10	36
	Com alguma frequência	12	6	18
	Pontualmente	6	2	8
	Não	0	1	1
	Total	44	19	63

Quadro 19 - P14 * P16 Crosstabulation

Count		Masculino	Feminino	Total
P14	A maioria	10	3	13
	Alguns	31	9	40
	Poucos	3	7	10
	Total	44	19	63

Quadro 20 - P15 * P16 Crosstabulation

Count		Masculino	Feminino	Total
P15	A maioria	10	7	17
	Alguns	27	6	33
	Poucos	5	4	9
	Nenhum	2	2	4
	Total	44	19	63

Quadro 21 - P3.1 * P17 Crosstabulation

Count		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total
P3.1	Saúde/ condição física	1	2	1	0	4
	Contacto com a natureza	3	3	2	0	8
	Convívio/sociabilidades	5	6	4	0	15
	Desafio/ aventura	6	6	0	0	12
	Superar o medo/ enfrentar riscos	0	1	0	0	1
	Auto-realização pessoal	1	3	2	1	7
	Prazer pessoal	2	9	5	0	16
	Total	18	30	14	1	63

Quadro 22 - P3.2 * P17 Crosstabulation

Count		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total
P3.2	Saúde/ condição física	1	4	1	0	6
	Contacto com a natureza	5	6	3	0	14
	Convívio/sociabilidades	8	2	2	0	12
	Desafio/ aventura	3	9	3	0	15
	Superar o medo/ enfrentar riscos	0	2	2	0	4
	Melhoria da capacidade física/ motora	0	2	0	0	2
	Auto-realização pessoal	0	2	1	0	3
	Prazer pessoal	1	3	2	1	7
	Total	18	30	14	1	63

Quadro 23 - P3.3 * P17 Crosstabulation

Count		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	Total
P3.3	Saúde/ condição física	1	3	1	5
	Contacto com a natureza	1	6	0	7
	Convívio/sociabilidades	1	4	3	8
	Desafio/ aventura	5	5	3	13
	Superar o medo/ enfrentar riscos	0	1	0	1
	Melhoria da capacidade física/ motora	1	4	2	7
	Auto-realização pessoal	0	4	1	5
	Prazer pessoal	6	1	3	10
	Sentir liberdade	2	2	0	4
	Corte com a rotina	1	0	1	2
	Total	18	30	14	62

Quadro 24 - P4 * P17 Crosstabulation

Count		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total
P4	Até 1 ano	3	5	1	0	9
	1 a 3 anos	12	11	5	0	28
	4 a 6 anos	3	8	3	0	14
	7 a 10 anos	0	3	2	1	6
	Superior a 10 anos	0	1	3	0	4
	NS/NR	0	2	0	0	2
	Total	18	30	14	1	63

Quadro 25 - \$P7*VAR170 Crosstabulation

		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total	
Deslocações	Apenas os elementos do seu clube/grupo de escalada				0	18	
	Outros praticantes da escalada	Count	4	9	6	1	20
	Com membros do seu agregado familiar/namorado(a)	Count	1	5	2	0	8
	4	Count	2	16	8	0	26
	Total	Count	18	30	14	1	63

Percentages and totals are based on respondents.

Quadro 26 - P13 * P17 Crosstabulation

Count		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total
P13	Regularmente	14	16	5	1	36
	Com alguma frequência	2	12	4	0	18
	Pontualmente	2	1	5	0	8
	Não	0	1	0	0	1
	Total	18	30	14	1	63

Quadro 27 - P14 * P17 Crosstabulation

Count		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total
P14	A maioria	7	3	3	0	13
	Alguns	10	20	9	1	40
	Poucos	1	7	2	0	10
	Total	18	30	14	1	63

Quadro 28 - P15 * P17 Crosstabulation

Count		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total
P15	A maioria	10	5	2	0	17
	Alguns	7	19	6	1	33
	Poucos	1	5	3	0	9
	Nenhum	0	1	3	0	4
	Total	18	30	14	1	63

Quadro 29 - P3.1 * P20 Crosstabulation

Count		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total
P3.1	Saúde/ condição física	1	2	0	1	4
	Contacto com a natureza	4	4	0	0	8
	Convívio/sociabilidades	3	8	3	1	15
	Desafio/ aventura	5	4	3	0	12
	Superar o medo/ enfrentar riscos	0	1	0	0	1
	Auto-realização pessoal	5	2	0	0	7
	Prazer pessoal	9	3	4	0	16
	Total	27	24	10	2	63

Quadro 30 - P3.2 * P20 Crosstabulation

Count		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total
P3.2	Saúde/ condição física	1	4	1	0	6
	Contacto com a natureza	7	6	1	0	14
	Convívio/sociabilidades	3	5	3	1	12
	Desafio/ aventura	4	6	4	1	15
	Superar o medo/ enfrentar riscos	3	0	1	0	4
	Melhoria da capacidade física/ motora	1	1	0	0	2
	Auto-realização pessoal	2	1	0	0	3
	Prazer pessoal	6	1	0	0	7
	Total	27	24	10	2	63

Quadro 31 - P3.3 * P20 Crosstabulation

Count		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total
P3.3	Saúde/ condição física	2	1	2	0	5
	Contacto com a natureza	0	3	4	0	7
	Convívio/sociabilidades	6	2	0	0	8
	Desafio/ aventura	8	3	1	1	13
	Superar o medo/ enfrentar riscos	1	0	0	0	1
	Melhoria da capacidade física/ motora	3	4	0	0	7
	Auto-realização pessoal	1	3	0	1	5
	Prazer pessoal	3	5	2	0	10
	Sentir liberdade	2	1	1	0	4
	Corte com a rotina	0	2	0	0	2
	Total	26	24	10	2	62

Quadro 32 - P4 * P20 Crosstabulation

Count		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total
P4	Até 1 ano	4	3	2	0	9
	1 a 3 anos	10	13	4	1	28
	4 a 6 anos	6	5	2	1	14
	7 a 10 anos	4	0	2	0	6
	Superior a 10 anos	1	3	0	0	4
	NS/NR	2	0	0	0	2
	Total	27	24	10	2	63

Quadro 33 - \$P7*VAR200 Crosstabulation

		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total	
Deslocações	Apenas os elementos do seu clube/grupo de escalada				0	18	
	Outros praticantes da escalada	Count	11	4	4	1	20
	Com membros do seu agregado familiar/namorado(a)	Count	6	1	1	0	8
	4	Count	13	9	3	1	26
	Total	Count	27	24	10	2	63
Percentages and totals are based on respondents.							

Quadro 34 - P13 * P20 Crosstabulation

Count		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total
P13	Regularmente	13	12	9	2	36
	Com alguma frequência	9	8	1	0	18
	Pontualmente	5	3	0	0	8
	Não	0	1	0	0	1
	Total	27	24	10	2	63

Quadro 35 - P14 * P20 Crosstabulation

Count		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total
P14	A maioria	6	3	4	0	13
	Alguns	17	16	5	2	40
	Poucos	4	5	1	0	10
	Total	27	24	10	2	63

Quadro 36 - P15 * P20 Crosstabulation

Count		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total
P15	A maioria	5	7	5	0	17
	Alguns	15	13	4	1	33
	Poucos	5	2	1	1	9
	Nenhum	2	2	0	0	4
	Total	27	24	10	2	63

Quadro 37 - P8 * P16 Crosstabulation

Count		Masculino	Feminino	Total
P8	Sim	31	13	44
	Não	13	6	19
	Total	44	19	63

Quadro 38 - \$P9*VAR160 Crosstabulation

		Masculino	Feminino	Total	
Pernoitar	No local da prática		12	39	
	Em refugios de montanha	Count	0	1	1
	Parque de campismo	Count	6	1	7
	Pousada	Count	0	1	1
	Outro	Count	7	1	8
	Total	Count	32	13	45

Percentages and totals are based on respondents.

Quadro 39 - P5 * P16 Crosstabulation

Count		Masculino	Feminino	Total
P5	Sim	41	14	55
	Não	3	5	8
	Total	44	19	63

Quadro 40 - P6 * P16 Crosstabulation

Count		Masculino	Feminino	Total
P6	Até 100 euros	5	7	12
	2	5	5	10
	De 251 a 500 euros	15	0	15
	De 501 a 1000 euros	8	1	9
	Superior a 1000 euros	7	0	7
	NS/NR	1	1	2
Total		41	14	55

Quadro 41 - P10 * P16 Crosstabulation

Count		Masculino	Feminino	Total
P10	Até 25 euros	15	10	25
	26 a 50 euros	8	2	10
	51 a 100 euros	10	2	12
	101 a 200 euros	6	1	7
	Mais de 200 euros	4	1	5
	Total	43	16	59

Quadro 42 - \$P1*VAR160 Crosstabulation

		Masculino	Feminino	Total	
Iniciação	Com os amigos		9	36	
	Num clube	Count	13	5	18
	Na escola	Count	9	10	19
	Ensino superior	Count	1	2	3
	Total	Count	44	19	63

Percentages and totals are based on respondents.

Quadro 43 - P2 * P16 Crosstabulation

Count		Masculino	Feminino	Total
P2	Sim	23	2	25
	Não	21	17	38
	Total	44	19	63

Quadro 44 - P8 * P17 Crosstabulation

Count		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total
P8	Sim	13	21	9	1	44
	Não	5	9	5	0	19
	Total	18	30	14	1	63

Quadro 45 - \$P9*VAR170 Crosstabulation

		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total	
Pernoitar	No local da prática				1	39	
	Em refugios de montanha	Count	0	1	0	1	
	Parque de campismo	Count	1	3	2	1	7
	Pousada	Count	0	0	1	0	1
	Outro	Count	1	4	2	1	8
	Total	Count	13	21	10	1	45

Percentages and totals are based on respondents.

Quadro 46 - P5 * P17 Crosstabulation

Count		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total
P5	Sim	15	26	13	1	55
	Não	3	4	1	0	8
	Total	18	30	14	1	63

Quadro 47 - P6 * P17 Crosstabulation

Count		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total
P6	Até 100 euros	10	1	1	0	12
	2	5	3	2	0	10
	De 251 a 500 euros	0	12	3	0	15
	De 501 a 1000 euros	0	5	4	0	9
	Superior a 1000 euros	0	3	3	1	7
	NS/NR	0	2	0	0	2
	Total	15	26	13	1	55

Quadro 48 - P10 * P17 Crosstabulation

Count		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total
P10	Até 25 euros	13	9	3	0	25
	26 a 50 euros	3	4	3	0	10
	51 a 100 euros	0	8	4	0	12
	101 a 200 euros	0	4	2	1	7
	Mais de 200 euros	0	3	2	0	5
	Total	16	28	14	1	59

Quadro 49 - \$P1*VAR170 Crosstabulation

		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total	
Iniciação	Com os amigos				0	36	
	Num clube	Count	10	5	2	1	18
	Na escola	Count	15	3	0	1	19
	Ensino superior	Count	0	2	1	0	3
	Total	Count	18	30	14	1	63

Percentages and totals are based on respondents.

Quadro 50 - P2 * P17 Crosstabulation

Count		Menos de 20 anos	20-30 anos	31-40 anos	41-60 anos	Total
P2	Sim	3	14	7	1	25
	Não	15	16	7	0	38
	Total	18	30	14	1	63

Quadro 51 - P8 * P20 Crosstabulation

Count		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total
P8	Sim	15	18	9	2	44
	Não	12	6	1	0	19
	Total	27	24	10	2	63

Quadro 52 - \$P9*VAR200 Crosstabulation

		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total
Pernoitar	No local da prática				2	39
	Em refugios de montanha	Count	1	0	0	1
	Parque de campismo	Count	5	1	1	7
	Pousada	Count	1	0	0	1
	Outro	Count	5	3	0	8
	Total	Count	16	17	10	2

Percentages and totals are based on respondents.

Quadro 53 - P5 * P20 Crosstabulation

Count		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total
P5	Sim	24	22	9	0	55
	Não	3	2	1	2	8
	Total	27	24	10	2	63

Quadro 54 - P6 * P20 Crosstabulation

Count		EQS	SEE	PIAP	Total
P6	Até 100 euros	1	8	3	12
	2	6	1	3	10
	De 251 a 500 euros	7	5	3	15
	De 501 a 1000 euros	5	4	0	9
	Superior a 1000 euros	4	3	0	7
	NS/NR	1	1	0	2
	Total	24	22	9	55

Quadro 55 - P10 * P20 Crosstabulation

Count		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total
P10	Até 25 euros	6	10	7	2	25
	26 a 50 euros	6	3	1	0	10
	51 a 100 euros	6	4	2	0	12
	101 a 200 euros	4	3	0	0	7
	Mais de 200 euros	2	3	0	0	5
	Total	24	23	10	2	59

Quadro 56 - \$P1*VAR200 Crosstabulation

		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total	
Iniciação	Com os amigos				1	36	
	Num clube	Count	4	11	3	0	18
	Na escola	Count	4	7	7	1	19
	Ensino superior	Count	2	0	1	0	3
	Total	Count	27	24	10	2	63

Percentages and totals are based on respondents.

Quadro 57 - P2 * P20 Crosstabulation

Count		EQS	SEE	PIAP	NS/NR	Total
P2	Sim	11	9	5	0	25
	Não	16	15	5	2	38
	Total	27	24	10	2	63

ANEXO 4

2.º ENCONTRO DE ESCALADORES NO CARAMULINHO

